

REVISTA



DE

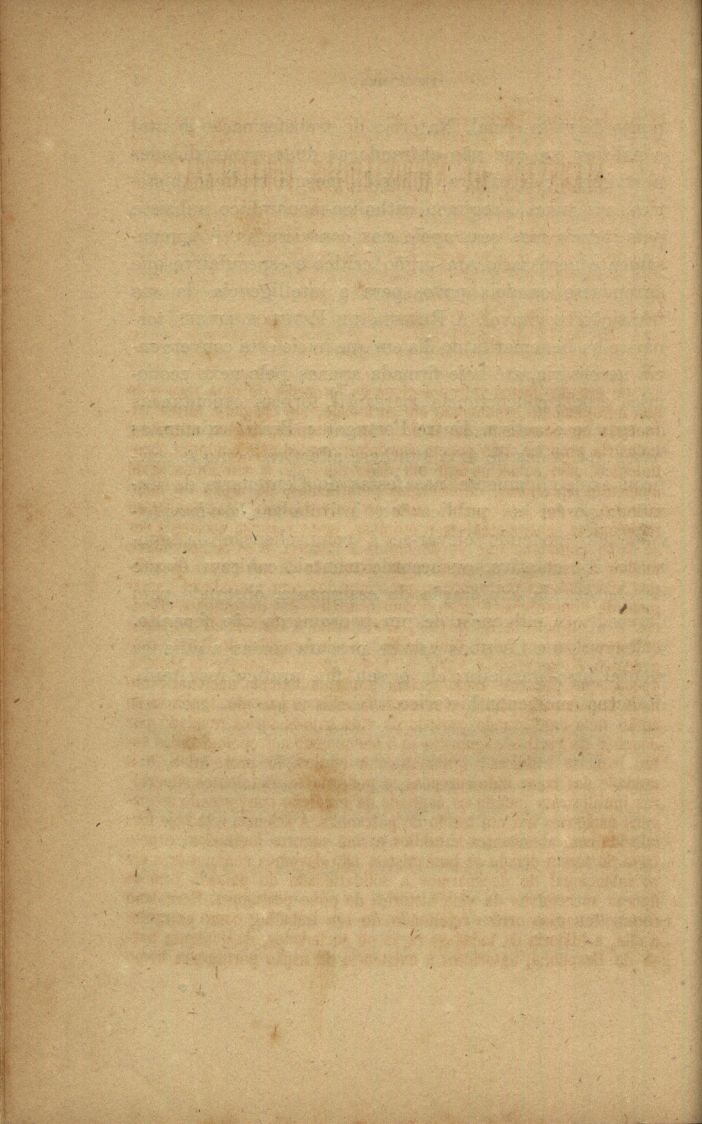
ESTUDOS LIVRES

Lançando á publicidade a REVISTA DE ESTUDOS LIVRES, não poderíamos expôr melhor o pensamento que a motiva, nem o intuito que nos estimula senão apresentando em duas palavras o que Augusto Comte entendia por uma Revista moderna. O eminente transformador da Philosophia do seculo XIX, projectava uma Revista occidental como um orgão de applicação continua da sua doutrina ao curso dos acontecimentos humanos, realisados ou previstos, para a apreciação systematica do movimento intellectual e social nas cinco grandes populações avançadas, franceza, italiana, hespanhola, germanica e britanica.

Se uma grande parte das descobertas e resultados scientificos modernos está dispersa pelas revistas e jornaes litterarios ephemeros, ou sepultada em collecções academicas d'onde os eruditos os vão extrahir com um

trabalho de paciente investigação para constituirem as suas obras especiaes, por outro lado muitas conclusões fundamentaes a que chegaram as grandes intelligencias em livros inaccessiveis ao vulgo, precisam ser trazidas para a circulação social, separando-as do seu apparatus doutrinario, resumindo-as, expondo-as de modo que se assimilem facilmente pelos espiritos. É evidente esta relação intima entre a Revista e o Livro; a Inglaterra creou um genero litterario especial, a que se chama o *Ensaio*, verdadeiro ponto de união d'estas duas fórmas da escripta, e a França teve em Littré o seu mais eminente ensaista, porque, em regra, todos os seus livros foram formados com artigos de Revistas, nos quaes applicava o criterio positivo aos successos intellectuaes e politicos do seu meio e da sua época. Uma boa parte dos jornaes litterarios pecca pela falta de pensamento, ficando o deposito de ôcas divagações rhetoricas e um flagrante documento de incoherencia intellectual; como não têm destino pouco sobrevivem, sendo substituidos pelo prurido da publicidade, até que novas decepções tornem frustrada a tentativa; outros jornaes fecham-se em uma estreita especialidade, perdendo por isso o interesse do publico, ficando apenas um repositorio curioso e restricto para aquelles que se interessam por essa ordem de investigações. Conhecidos estes dous extremos, procuramos fixar uma situação média, racional e pratica. A REVISTA DE ESTUDOS LIVRES visa á applicação dos eternos principios da liberdade intellectual, moral e politica aos acontecimentos actuaes, para os julgar e poder deduzir d'elles as condições do progresso. Todas as investigações nos interessam, comtanto que ellas conduzam para um

ponto de vista social. Na crise de transformação mental e politica em que vão entrando as duas nacionalidades portugueza e brasileira, filhas da mesma tradição historica, nas quaes o regimen catholico-monarchico subsiste pela inercia mas sem apoio nas consciencias, é immensamente necessario um orgão critico e especulativo que agremiasse os dois povos para a intelligencia da sua transição inevitavel. A REVISTA DE ESTUDOS LIVRES tornar-se-ha benemerita no dia em que inicie esta convergencia necessaria, até hoje firmada apenas pelo nexu economico e pela concorrencia mercantil, fórmas espontaneas da synthese activa. Entre Portugal e Brazil existem as bases profundas de uma synthese affectiva, como se verificou esplendidamente nas festas do Centenario de Camões; porém as publicações intitulas *luso-brazileiras*, não podendo elevar-se á comprehensão da synthese especulativa, ou accordo mental, cahiram diante da chateza da exploração do assignante, obstando pelo descredito á influencia de um pensamento tão fecundo. A REVISTA DE ESTUDOS LIVRES procura reatar a alliança mental luso-brazileira; eis o seu fim pratico resultante do actual momento historico.



ELEMENTOS DA NACIONALIDADE PORTUGUEZA

Os grandes factos antropologicos da formação de uma raça e do seu agrupamento espontaneo em sociedade, até chegar á fôrma voluntaria ou consciente de nação, com costumes, lingua, religião e industria proprias, não podem ser determinados pelo computo chronologico, não começam em um dado dia; são a consequencia de elementos anteriores, de energias persistentes, de acção do meio cosmico, e por isso quanto mais se profundarem estas condições mesologicas, antropologicas e ethnicas, tanto mais se esclarece esse facto complexo que se denomina a Historia, e se comprehende melhor a evolução progressiva da actividade de um povo. Os antigos historiadores portuguezes, preoccupados com a erudição humanista da Renascença, e apenas com o auxilio dos geographos classicos e a ethnologia de Moysés, começaram a Historia de Portugal entroncando-a em Tubal, filho de Noé, e nos foragidos de Troya; este processo é commum a todos os historiadores europeus da mesma época, que por este meio teciam uma nobiliarchia nacional tanto mais imponente, quanto se remontava mais ao passado. Ignorava-se então todo esse grande periodo da vida ante-historica revelado por Boucher de Perthes; ignorava-se o phenomeno antropologico das sobrevivencias ethnicas; ignorava-se a emigração proto-árica, e a unidade das raças indo-européas, e por esta causa talentos superiores inutilisaram immensos capitaes de erudição convertendo as origens nacionaes em um tecido de patranhas. A sciencia está hoje fortalecida com abundantes subsidios e com seguros methodos; e pelo facto de terem errado os humanistas, não devemos commetter o erro intencional de deceparmos a solidariedade do passado com as épocas successivas da vida historica do povo portuguez. Herculano commetteu esse erro «rejeitando do *seu* trabalho, como extranha a elle, a historia de todas as raças ou sociedades, de qualquer parte da Hespanha, anteriores á existencia da nação portugueza como

individuo politico... » ¹ D'este modo a constituição nacional que se manifesta no seculo XII, torna-se um facto sem antecedentes, extraordinario, maravilhoso, producto voluntario dos interesses individuaes de um conde D. Henrique, da sua viuva D. Thereza, ou do seu filho e herdeiro D. Affonso Henriques; n'esta situação, Herculanio amplia a craveira d'estas individualidades historicas, mas vendo muitas vezes falta de plano na sua acção, reconhece que com elles cooperava a força das cousas, que outra não era senão essa força separatista que dividiu a peninsula hispanica em numerosos estados politicos independentes. É por aqui, pois, que deve começar a historia; determinar as condições que deram á actividade dos homens uma intenção e um sentido, e avaliar a capacidade dos espiritos dirigentes segundo a mais ou menos clara comprehensão que tiveram d'essa força das circumstancias. Onde encetar este estudo? O processo está achado nos trabalhos eminentes de Buckle, de Michelet, de Thierry, de Ranke e tantos pensadores que converteram a historia em base descriptiva da sciencia social. Basta seguil-os, mesmo de longe. Assim o estudo do meio cosmico ou do territorio, é a primeira luz para a explicação das fórmulas de aggregação e actividade de um povo, como o descobriu Karl Ritter na sua monumental Geographia; depois, o estudo dos caracteres das raças, como contendo implicitas as fórmulas da sua actividade progressiva.

As raças da peninsula hispanica — Cruzamentos e invasões, até á constituição da Nacionalidade portugueza

1. — O territorio hispanico, como primeiro factor historico

Determinando os caracteres de uma nação, escrevia Herculanio: « ha tres, pelos quaes commumente se aprecia a unidade ou identidade nacional de diversas gerações successivas. São elles — a *raça*, a *lingua*, o *territorio*. » ² Os factos provam exactamente o contrario; os antropologistas chegaram á conclusão de que não existe actualmente nenhuma raça pura, e na Europa existem nacionalidades formadas de diferentes raças, como a Austria, fallando diferentes linguas como a Suissa, e até sem territorio como os judeus e ainda os ciganos, que conservam os caracteres de aggregação através do seu nomadismo. O territorio exerce essa profunda acção me-

¹ *Hist. de Portugal*, I, 12.

² *Idem*.

sologica anterior a todo o facto social, e só muito tarde é que presta apoio ás tribus que a elle se acolhem e d'elle tiram as condições de segurança e as fórmãs da actividade industrial e da sua organização politica. Conhece-se hoje a influencia que exercem as planicies no estado nomadico; as montanhas actuam no desenvolvimento de povos invasores e no conservantismo das suas instituições; os deltas dos grandes rios provocaram o advento das mais altas civilisações; as peninsulas foram sempre a séde das civilisações cosmopolitas, que alargaram a actividade humana e universalisaram todos os progressos adquiridos. Conforme a situação do territorio assim se estabeleceu o conflicto das raças ou o seu isolamento improgressivo, e consequentemente o predominio de um dado ramo ethnico, que submete os outros á sua dependencia politica e lhe impõe uma linguagem para o uso commum. Se quizermos conhecer uma nação por esses caracteres do *territorio*, da *raça* e da *lingua*, temos de remontar além do seu passado, e estudar por tal fórma esses elementos, que por uma deducção logica possamos d'elles derivar as fórmãs fundamentaes da sua marcha historica.

A Hespanha é uma peninsula que abrange duzentas e quarenta leguas de comprido e duzentas de largura, separada ao nordeste da França pela cordilheira dos Pyreneos, e banhada pelo mar em todas as suas orlas. Apresenta dois climas, um temperado, proprio do occidente da Europa, e outro analogo ao clima da Africa, produzindo as grandes variações de temperatura, que influem na fertilidade do territorio, e sobretudo no temperamento physiologico dos seus habitantes, apaixonados, audaciosos e violentos. É n'este territorio peninsular, e sobre a fronteira occidental ou atlantica, que se constituiu a nação portugueza, sobre um sólo formando uma faixa de extensão de cento e cincoenta leguas, sobre cincoenta de largura, ou propriamente a quinta parte do sólo hispanico. Basta este simples facto, para conhecer, que a historia de Portugal deve andar intimamente ligada a todas as vicissitudes por que passou o territorio hispanico, quer em quanto á occupação de raças que aqui se formaram, quer em quanto á autonomia dos estados politicos que se constituíram, quer mesmo ao reflexo das transformações sociaes e revoluções porque esses estados passaram, e até na solidariedade de uma civilisação em que estes povos, apesar das suas divergencias, collaboraram simultaneamente. Mas o facto preponderante, é que não obstante toda esta integralidade peninsular, Portugal, sem fronteiras naturaes que o destacassem do sólo hispanico, apparece-nos com um organismo nacional autonomo, conservando-o através de sete seculos contra uma corrente tempestuosa e violenta de unificação politica. É este o facto sobre que deve assentar a historia de Portugal, tão interessante nas suas origens como no seu desen-

volvimento; como problema sociologico, liga-se á theoria das pequenas nacionalidades, fôrma definitiva da politica europêa no futuro, mas acima de tudo encerra uma immensa luz para a direcção pratica de governação das energias tantas vezes malbaratadas d'este povo.

A península hispanica, é com a Grecia a parte mais meridional da Europa; banhada ao sul pelo mar Mediterraneo, e ao oéste pelo oceano Atlantico, a sua historia consta de dois grandes periodos analogos aos estímulos d'estes dois mares. No periodo *mediterraneo*, a Hespanha é a herdeira das civilisações peninsulares, que se desenvolveram nas margens do Mediterraneo, e cujos centros de acção foram Carthago, Athenas e Roma; no periodo *atlantico*, desloca-se a actividade d'esse mar interior para o oceano, e os portuguezes actuam directamente na marcha da humanidade circumdando a Africa e descobrindo o caminho maritimo da India, bem como desvendando um novo hemispherio pela descoberta do Brazil. Eis os contornos mais geraes da historia, impressos na fôrma e situação do territorio hispanico; bastava a sua contiguidade com o Mediterraneo para explicar as origens da sua povoação e cultura. Em volta da bacia do Mediterraneo desenvolveram-se extraordinarias civilisações, cuja historia, segundo Mommsen, consta de quatro periodos: o primeiro ao sul, ou o Egypto; o segundo ao oriente, ou a Araméa; o terceiro e quarto, ao oeste, ou a Grecia e a Italia. Todas estas civilisações vieram avançando para o oceano e irradiando pelo occidente até se estenderem em épocas diversas pelo norte da Europa, constituindo a civilisação actual.

A civilisação do Egypto só entrou na península hispanica indirectamente pelos phenicios ou arameanos e carthaginezes, e a civilisação hellenica pela conquista e colonisação dos romanos. Esta occupação de povos cultos era tanto mais facil, quanto a península hispanica pela sua situação analoga á das penínsulas grega e italica recebera tambem as mesmas raças emigrantes que entraram no occidente da Europa e que haviam constituido os elementos ethnicos das suas respectivas nacionalidades. Os romanos conquistando o norte da Africa, dominando a Grecia, e occupando successivamente o territorio das Gallias e da Hespanha, incorporaram todos estes elementos ethnicos, deram-lhe essa unidade historica a que Augusto Comte chama a *Civilisação occidental*. Pela sua situação geographica a Hespanha foi um digno factor d'esta occidentalidade, admiravelmente comprehendida pela actividade marítima das descobertas dos portuguezes. Esta comprehensão destacou os portuguezes do aggregado ethnico peninsular como um organismo independente; e assim uma idéa pôde através dos seculos manter uma situação que não tinha o apoio material das fronteiras naturaes. Esta situação especial da pe-

ninsula hispanica, ha-de nos explicar tambem o modo da occupação das diversas raças e como se fusionaram no seu sólo.

O que vimos com relação ao seu contacto com os mares, não é mais importante do que a influencia dos seus relevos orographicos. A Hespanha é separada da França pela cordilheira dos Pyreneos, da qual irradiam diversos montes, formando valles cortados por numerosos rios; é pasmosa a acção mesologica d'esses relevos. Os diversos estados peninsulares nasceram das povoações acantonadas n'esses valles, estabelecidas junto d'esses rios, e a constituição primitiva da sociedade hispanica ainda conserva esse individualismo local, que se elevou dos aggregados cantonaes a pequenos estados livres, e que ainda reage contra a unificação castelhana realisada pela violencia bruta dos interesses dynasticos. As actuaes provincias de Hespanha, são ainda na sua fórma administrativa esses antigos estados livres peninsulares, fundados onde as condições do territorio lhe garantiram a sua independencia. Esboçaremos rapidamente esses dados geographicos, sem os quaes é impossivel comprehender a historia politica; a cordilheira dos Pyreneos, apresenta dous systemas orographicos, um que se dirige no sentido de noroeste ou *pyrenaico*, e outro no sentido norte-sul, ou *celtiberico*. No primeiro, ha os ramos dos Pyreneos isthmicos, que limitam a Catalunha, o Aragão e a Navarra; os cantabricos, asturicos e gallaicos, que limitam a Vasconia, as Asturias e a Galliza. No systema orographico celtiberico, faz-se a divisão em vertente oriental ou mediterranea, e vertente occidental ou atlantica; á primeira pertencem os antigos estados autónomos, hoje incorporados em provincias administrativas, da Navarra, Aragão e Catalunha, crescendo a Valencia, Murcia e Granada. Á vertente occidental pertencem a Castella Velha, Leão, Castella Nova, Extremadura, as Andaluzias (Granada, Cordova e Sevilha) e as Beiras, Extremadura e Alemtejo portuguezes.

A par da organização politica acha-se a organização ecclesiastica; assim, quando a França, por exemplo, já não era feudal, ainda a Igreja franceza conservava essas antigas divisões do territorio; o mesmo se vê hoje na Hespanha, em que a divisão dos seus arcebispados de Tarragona, (Catalunha), de Zaragoza, (Aragão), de Sant'iago, (Galliza), de Valencia, de Granada, de Burgos, (Castella Velha), de Valhadolid, (Leão), de Toledo, (Castella Nova), de Sevilha (Andaluzias) corresponde á antiga divisão politica dos estados peninsulares antes de serem submettidos á unidade monarchica por Fernando e Isabel, Carlos v e Philippe II. Toda a historia da Hespanha, nos seus conflictos internos, consiste na lucta separatista entre esses diversos estados, e no esforço brutal de os incorporar sob uma unificação monarchica. Os primitivos povos que habitaram a Hespanha anteriormente á conquista dos romanos, obedeceram

tambem a essa tendencia separatista ou cantonal imposta pelos relevos orographicos, e d'aqui a impossibilidade de se defenderem contra a invasão dos Celtas, e a facilidade de formarem essa fusão chamada dos celtiberos, que por seu turno chegaram a formar diversas federações analogas ás federações italiaotas e gaulezas. As duplas tendencias separatista e unificadora são os pontos de oscillação da vida historica dos povos peninsulares; conforme as raças que occuparam esse sólo, assim essas tendencias prevaleceram mais ou menos exclusivamente e de um modo empirico. Se o sangue semita prevalecia pela occupação dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Judeus e dos Arabes, preponderava a tendencia separatista; se a disciplina dos Romanos preponderava, quer pela centralisação administrativa, quer pela unificação moral e dogmatica do catholicismo, assim os diferentes estados eram submettidos á dependencia de um só, sem que essa apparente unidade politica apagasse as differenças dialectaes e costumes locaes, que estavam constantemente proclamando a intima dissidencia. A historia de Portugal depende completamente d'esta circumstancia; o Condado portugalense elevou-se a estado autonomo não só pelas condições mesologicas da sua fronteira maritima, que lhe ministravam um estimulo de actividade e de independencia economica, mas sobretudo pela acção reflexa d'essa agitação de outros estados igualmente pequenos que se proclamavam livres, como pela morte de Affonso vi de Castella com a qual se quebraram os vínculos artificiaes de unificação politica que maniatavam já um bom numero de estados. Por outro lado a perda da nacionalidade portugueza em 1580, incorporada por Philippe II na unidade castelhana, foi a consequencia de uma politica de absorpção, de que os proprios monarchas portuguezes foram instrumentos egoistas, taes como Affonso v, D. João II, e D. Manoel, que pensavam obter por meio de casamentos reaes a fusão de Portugal e de Hespanha sob um unico sceptro. Aqui a força das circumstancias tem sido mais poderosa do que as ambições absurdas dos individuos; a autonomia de Portugal subsiste, através das terriveis calamidades que tem na Europa alevantado grandes estados como a Austria, a Prussia e a Russia, e destruido outros, como a Irlanda, a Escossia, a Polonia, e mesmo a Italia e a Grecia antes dos seus modernos renascimentos. Depois da formação da nacionalidade portugueza, o facto da sua persistencia é um problema de primeira ordem para o historiador; n'elle se encerram indicações vitaes para o futuro dos povos peninsulares, tantos seculos hostis entre si por odios perpetuados em beneficio de dynastias egoistas. É da persistencia das causas mesologicas, que os espiritos superiores começam a deduzir as fórmias da organisação politica da peninsula hispanica; a fórmula natural, racional e por isso definiti-

va, é a de uma federação voluntaria, já presentida por alguns espiritos lucidos, como Charrière, Henriques Nogueira, Pi y Margall e Tubino. É d'essa solução que depende a existencia e o destino politico de Portugal.

Entre as causas mais poderosas da unificação politica da península hispanica cabe o primeiro logar á influencia do catholicismo; esta religião transmittida da Africa para a Hespanha, trouxe esse character intolerante e feroz que lhe achamos no patrologista africano Tertuliano; revelando-se pela audaciosa ambição dos bispos que fizeram dos seus concilios congressos e côrtes politicas, e eram ao mesmo tempo chefes de guerrilhas contra a occupação sarracena, uma vez dominante, essa religião veiu a transformar-se pela influencia do genio hespanhol. Basta recordar que essa ordem, ou horda sanguinaria dos dominicanos, que tiveram o privilegio da Inquisição e dos queimadeiros, foi fundada por Domingos de Gusmão, e que a milicia espiritual dos Jesuitas, creada para annullar a renascença scientifica da Europa no seculo xvi, foi fundada por Ignacio de Loyola; eram ambos hespanhoes. A religião catholica teve uma extraordinaria e constante acção sobre o desenvolvimento dos povos peninsulares desde a época do governo imperial dos romanos; acção que não póde attribuir-se nem á comprehensão da doutrina, nem ao poder da disciplina, porque a barbaria e o isolamento das povoações tornaram inefficaz a propaganda evangelica, e porque a devassidão da classe sacerdotal não a fortificava pelo exemplo. E comtudo essa acção baseava-se sobre uma necessidade, e por isso era effectiva. Buckle, fallando da civilisação hespanhola, descreve a influencia mesologica do sólo peninsular, sujeito a grandes catastrophes de terremotos, e a repetidas perturbações meteorologicas. Esses phenomenos assombrosos impressionam sempre os povos, e incutem-lhe na imaginação a crença absoluta na intervenção do sobrenatural. O inexplicavel torna-se divino; o padre aproveitou sempre a emoção d'esses phenomenos cosmologicos para se tornar interprete das cóleras celestes, submettendo a credulidade da multidão á sua conveniencia de classe. As penitencias geraes, as doações dos bens, as fundações de egrejas e mosteiros, a preponderancia nas assembléas politicas, o direito canonico em conflicto com o regimen civil, o exclusivo do ensino nas collegiadas, o favoritismo junto dos reis, e por fim a organização de uma policia inquisitorial com um processo penal secreto, tudo isto proveiu d'esse estado moral de um povo abalado frequentes vezes por enormes catastrophes da natureza. Tal é ainda a causa do character supersticioso dos povos da península iberica, dos quaes os monumentos mais antigos que ainda subsistem são inscripções religiosas.

A oscillação entre o clima europeu e africano dá tambem á

Hespanha essas variações violentas das grandes cheias torrencias ou das estiagens completas; d'aqui as crises agricolas, as fomes durante seculos periodicas, e as pestes successivas. As povoações, em vez de estabelecerem um bom regimen das aguas, em vez de arborisarem o territorio devastado por systema durante a época da reconquista christã, em vez de se precaverem por habitos de previsão economica, seguiram o impulso das suas emoções, e resignaram-se á miseria para sustentarem na opulencia os medianeiros de Deus. Os factos apresentados por Buckle são tão numerosos, que deixam na mais completa evidencia este ponto de vista; a consideração do sólo hispanico como o primeiro factor historico das nacionalidades peninsulares torna-se uma necessidade imprescindivel de methodo, sem o que não é possível determinar verdade alguma através de tanta incoherencia de raças, de civilizações e de arbitrariedades individuaes. Quando a sciencia moderna chegou a estes seguros principios, as descobertas geologicas vieram-nos revelar que a terra é tambem uma das paginas mais antigas e veridicas da historia do homem; no seu seio se guardam os vestigios de uma actividade pensada, de uma existencia ainda não destacada completamente da animalidade, emfim, os instrumentos rudimentares que precederam os mais engenhosos aparelhos da technologia. Os estudos da paleontologia humana, fazendo recuar o passado milhares de annos, puzeram em condições de ser explicada pelas leis naturaes da evolução a somma de progressos que eram attribuidos a uma immediata insufflação divina; a historia recebeu um impulso de renovação no seu criterio, considerando como documentos não só os actos emanados da acção individual, mas ainda os factos os mais inconscientes, como as variedades nas raças, a filiação na linguagem, as analogias nas instituições, as impressões psychologicas nos mythos e nas tradições nacionaes. Os vestigios ante-historicos do homem constituem hoje uma serie importantissima de documentos por onde se infere com segurança o modo da sua existencia primitiva e os meios por onde foi subjugando as fatalidades da natureza. Em todos os centros civilizados da Europa se tem descoberto os restos de outras raças, ainda no estado troglodita e desconhecendo os metaes; na estructura craneana e nos costumes populares apparecem ainda por effeito de regressão ethnica caracteres d'essas populações autochtones. Desde que os antropologistas provam que as raças da Europa se acham em uma completa mestiçagem, para bem conhecel-as nas suas creações sociaes, que constituem a historia, importa analysal-as nos seus mais primodiaes elementos. Felizmente, estes estudos tem dignos representantes na peninsula hispanica, e o sólo de Portugal não é das paginas mais obliteradas da paleontologia.

2. — Antiquidades pre-historicas em Portugal

O primeiro facto que resulta das explorações geologicas, é que o territorio de Portugal, e consequentemente da peninsula, teve habitantes anteriormente a todas as invasões de outras raças asiaticas que penetraram e se estabeleceram na Europa. Este facto geral ao nosso continente, leva a crêr que a Europa como uma grande peninsula da Asia, teve tambem uma raça que se póde considerar autchtone. Pelas camadas geologicas em que se acham as ossadas, e pela sua fórma anatomica, se restabelece a historia d'essa raça, que as invasões proto-áricas e indo-europêas não destruíram, e com as quaes se assimilaram, como affirma Paul Broca e outros eminentes antropologistas. Na época terciaria da geologia, o territorio de Portugal, como se deduz da sua paleontologia vegetal, tinha uma temperatura de 20°, o que veio favorecer inferencias do geologo Carlos Ribeiro, que julga ter achado no nosso sólo os vestigios ha tanto procurados do homem terciario; na grande charneca da Otta, na base do Monte Redondo, acharam-se n'esse terreno lacustre silex talhados pela mão do homem miocene, nas mesmas condições em que igualmente se acharam em Thénay, no Monte Aperti, (Toscana), e em Peruse na Ombria. Esta simultaneidade não é sem importancia, porque nos leva a inferir de um fundo ethnico commum, que na historia mais tarde se revela por analogias de costumes, que facilitaram a unidade da Civilização occidental. A fórma craneana apresenta uma *dolichocephalia* caracteristica; assim perto de Salvaterra e da Muges, nas collinas artificiaes de conchas (os kjoekkmøedding) nos numerosos esqueletos que ahi se acham da época neo-lithica, os craneos são *dolichocephalos*, e segundo Quatrefages, analogos ao craneo basco por elle examinado nos arredores de Cambo. Este facto encerra a solução de um problema de primeira ordem; Broca notou nas suas analyses craneoscopicas, que o basco hespanhol é dolichocephalo, ao passo que o basco francez da outra vertente dos Pyreneos é brachycephalo, entendendo que não é possivel explicar esta profunda differença anatomica por uma acção mesologica tão insignificante, por maior que fosse o decurso do tempo. Demais, considera o mesmo insigne antropologista, que essa dolichocephalia do basco hespanhol é analoga á dolichocephalia do berber da Africa; se a esta consideração ajuntarmos, que as Antas (Dolmens) que existem nas duas Beiras e Alemtejo, pertencem ao typo do dolmen de Antequera, junto a Malaga, e que muitos d'estes monumentos megalithicos são tambem analogos a outros que ainda existem na Africa, poderemos concluir, que essa differença craneana resultou de duas raças diversas, uma que desceu do norte da Europa para o seu cen-

tro, e outra que occupou a orla occidental vindo da Africa através das ilhas do Mediterraneo. Esta differença persiste nas raças da península hispanica entre o euskariano e o ibero, e principalmente no caracter dos monumentos ante-historicos; assim, as hachas de bronze são muito aperfeçoadas no Minho, tendo anneis, e meia cana na parte superior, ao passo que no Alemtejo são simples, e no Algarve extremamente raras. Vê-se que houve conflicto de raças e um cruzamento successivo; na gruta da Furninha, na península de Peniche, a par dos restos de sílex, de louças de barro, e placas de schisto com desenho geometrico, acham-se muitos ossos humanos nos quaes a maxilla superior apparece com frequencia quebrada com o fim manifesto de extrahir os miolos da caixa craneana. D'aqui infere com razão o geologo Delgado os vestigios de antropophagia n'essa sociedade trogloditica; e dizemos com razão, embora elle fosse contradictado com o facto da abundancia de alimentos e de animaes, porque a antropophagia foi e ainda é entre os selvagens não um acto provocado pela fome, mas um effeito de uma idéa moral: aquelle que mata o seu inimigo, quer tambem apropriar-se da força que o fazia temido, e come-o para encarnar em si essa qualidade; assim uns selvagens comem os olhos dos seus inimigos para se apropriarem da sua perspicacidade, outros devoram a massa encephalica, para ficarem com a sua sagacidade. É esta a unica razão da antropophagia, pela qual se explica a sua longa persistencia na Europa, como se sabe que existiu na Irlanda por Strabão, por Plinio com relação ás tribus scythicas, e tambem nas Gallias, entre uma tribu bretã, como o conta S. Jeronymo. Isto comprova o facto da gruta da Furninha, que não podia provir senão do conflicto de povos inimigos, como se infere das differenças monumentaes; que estas duas raças se fusionaram, conhece-se pela mesaticephalia do craneo do Valle de Arieiro, que apresenta uma depressão occipital analoga aos craneos mesaticephalicos de Furfooz. D'este concurso resultou uma civilização rudimentar, como se vê pela frequencia dos schistos e ardosias com desenho geometrico da gruta da Furninha, e com ornatos de traço pontilhado, como na gruta de Palmella, ou já com figura de animal como na de Alcobaça, chegando esta aptidão artistica a desenvolver-se sob a influencia dos romanos, como se comprova por essas estatuas de pedra achadas em Lezenho, (Montalegre, Traz-os-Montes), em Vianna do Castello e na Galliza. Os amuletos de ardosia, da gruta de Palmella, revelam-nos a existencia de noções religiosas, que seriam um fetichismo espontaneo, por isso que as fórmulas d'esses amuletos são analogas ás da Patagonia; costumes funerarios, descriptos pelos historiadores romanos, revelam a existencia de concepções animistas, que ainda persistem nas superstições populares e outras usanças locais. Á me-

dida que se forem alargando as investigações ethnologicas, mais se irá estabelecendo esta intima solidariedade com o passado, e por tanto competirá á história tirar a luz d'esta relação. A parte mais rica de monumentos pre-historicos é o Minho, que apresenta além de numerosissimos vestigios da época da pedra polida, as duas chamadas Citanias de Briteiros e de Sabrosa, desde longo tempo conhecidas; Contador d'Argote, considerava-as como construcção arabe, fazendo-se echo do preconceito popular que considera todos os vestigios archeologicos do passado indistinctamente como do *tempo dos mouros*. O norte da peninsula hispanica foi o ponto de entrada de uma outra raça mais civilisada, para nós o euskariano; ou pelo menos, o contacto do norte da Hespanha com os iberos da Italia e do sul da França, pelo triangulo da Aquitania, como explicam Broca e outros antropologistas, estabeleceu uma communhão de progressos, que se revelam na grande resistencia dos aquitanos contra as invasões das raças áricas na Europa occidental, e mais tarde na simultaneidade do desenvolvimento das tradições poeticas provençaes na França meridional, Italia e Galliza. É tambem por estes precedentes que a Galliza foi o principal fóco de cultura durante a idade média na Hespanha, e que n'esse seu territorio se manifestaram as tendencias de autonomia social que determinaram o momento historico da formação da nacionalidade portugueza. Esta differença ethnica que observamos no sólo ante-historico de Portugal, leva a dividil-o em duas zonas, uma verdadeiramente *galliziana*, desenvolvida pela entrada de ramos áricos, sendo os lusitanos os primeiros representantes d'essa migração; e outra *algarvia*, que se desenvolveu precóceamente pela vinda dos phenicios á exploração metallurgica, constituindo ao sul do territorio que veiu a ser Portugal a notavel civilisação Bastulo-phenicia; no decurso historico estas duas zonas aproximaram-se e confundiram-se, sendo os nomes locais, como Tejo e Ana, phenicios, e os nomes de povoações com a fórma *brig*, celticos. Herculano considera no nome de *Lusitania*, que exprimia esta fusão, a terminação *tan* como punica.¹ Ao norte da orla marítima estabeleceram-se colonias gregas, em quanto que ao sul se fixavam colonias lybio-phenicias. A Beira era o ponto de contacto, e é por isso que todos os antigos escriptores consideravam a Beira como, por assim dizer, o centro dos costumes nacionaes e das tradições portuguezas, e da vernaculidade da linguagem, ao passo que a organização do facto politico da nova nacionalidade só começou proximo do rio Minho, isto é, na Galliza. Na in-

¹ *Hist. de Portugal*, 1, 16.

corporação do territorio de Portugal a Beira foi o centro de oscillação, já para nos integrarmos com a Galliza, o que prevaleceu na politica até ao tempo de D. Fernando, já para nos alargarmos para os Algarves de áquem mar, e de além mar em Africa. Prevaleceu esta ultima tendencia, que se acha sempre nos povos em regressarem para o seu ponto de partida. O quadro que acima apresentamos da época ante-historica da península, habilita-nos para comprehender melhor a situação em que se acharam as migrações das raças asiaticas na sua occupação, em geral commum a toda a Europa. As invasões asiaticas correspondem a duas migrações principaes para a Europa, a proto-árica (mongoloide, scythica, iberica ou gaulleza) e a árica propriamente dita (helleno-italica, celtica, germanica e slava); a península hispanica foi povoada por elementos d'esta dupla corrente.

THEOPHILO BRAGA.

O THEATRO MODERNO EM PORTUGAL

(O GRANDE HOMEM, comédia em 4 actos, por *Teixeira de Queiroz* — Lisboa, 1881 — e O CASAMENTO CIVIL, comedia-drama em 4 actos, por *Cypriano Jardim* — Lisboa, 1882).

Le théâtre, par ses conditions d'existence, devait être la dernière conquête, la plus laborieuse et la plus disputée de l'esprit de vérité.

EMILE ZOLA — *Le Roman expérimental*, pag. 145.

I

O extraordinario movimento scientifico que caracteriza o seculo actual propagou-se das sciencias mathematicas, cosmicas e biologicas ao campo mais complexo dos phenomenos sociaes, construindo uma philosophia racional inteiramente baseada nas leis naturaes e nos methodos positivos, e estendendo-se aos dominios da arte, a que fornece uma nova orientação e um novo destino social. A constituição das sciencias, segundo a sua serie hierarchica, foi eliminando gradualmente os principios absolutos e limitando a area de cada ramo dos conhecimentos humanos aos factos observados e classificados pelo emprego directo dos varios processos scientificos. Foram banidos da sciencia e da philosophia todos os elementos que não proviessem da ordem real, rigorosamente constatada. Na arte, e em particular na litteratura, reflectiu-se este movimento pela subordinação da imaginação á observação; foi o methodo experimental que provocou o apparecimento do naturalismo.

Esta evolução artistica manifestou-se no romance e na poesia. Na poesia, pelas condições especiaes de idealisação que caracterizam esta forma litteraria, tomou uma direcção essencialmente philosophica, que está ainda longe de attingir a sua maior altura. Entre as tentativas mais brilhantes são dignas de menção as de M.^{mo} Ackermann e de Sully-Prudhomme, em França, de Bartrina, em

Hespanha, e de Manuel Acuña, no Mexico; porém nenhuma pôde rivalisar, nos triumphos alcançados por'ora, com as producções naturalistas dos grandes romancistas como Balzac, Flaubert, Edmond e Jules Goncourt, Zola e Daudet. Todos estes elevaram o romance francez a uma perfeição quasi inexcedivel pelo estudo demorado e verdadeiro dos personagens e dos meios e da sua mutua influencia. A litteratura naturalista veiu completar a revolução iniciada pelo romantismo; a emancipação da fórma foi seguida pela renovação do fundo e do espirito litterario. Na lucta contra a escóla classica, os românticos limitaram-se a oppôr a edade média á antiguidade, substituindo uma rhetorica por outra rhetorica, um ideal por outro ideal, uma convenção por outra convenção. Aquelles subordinaram tudo ao cumprimento rigido do dever; estes esqueceram tudo no ardente entusiasmo do sentimentalismo. Uns e outros faziam do homem um manequim e da natureza uma creação phantasmagorica. Os progressos scientificos, alargando-se até ao campo das bellas-artes, deram á revolução litteraria os elementos que lhe faltavam. Com os novos elementos adquiridos pelo methodo experimental e aproveitando a independencia de fórma conquistada pelos românticos, o naturalismo surgiu pouco a pouco e lançou raizes profundissimas no sólo revolvido das modernas sociedades. Este triumpho espontaneo era uma consequencia natural da evolução dos espiritos, porque as concepções estheticas variam debaixo da influencia das ideias geraes e acompanham todas as transformações religiosas, philosophicas e sociaes. Com razão diz Taine ¹ que as obras de arte são determinadas pelo estado geral do espirito e dos costumes. Na actualidade predomina o amor pelo real; a metaphysica acha-se abalada nos seus fundamentos e a philosophia augmenta diariamente o seu immenso cabedal de conhecimentos positivos; os sabios armados da observação e da experimentação, caminham passo a passo, analysando, comparando, constatando toda a ordem de factos, d'onde tiram novas noções e principios novos. Os romancistas seguem-lhes o exemplo, baseando-se, como quer Viollet-le-Duc ², em «observações definidas, positivas, — tudo como a propria sciencia — feitas sobre os phenomenos sociaes».

O naturalismo, triumphante no romance e mesmo na poesia, apenas se faz sentir no theatro, onde se conserva anemico e mediocre o romantismo na sua ultima phase. Zola estudou este phenomeno nos seus bellos livros de critica — *Le Roman expérimental*,

¹ *Philosophie de l'art.*

² *La science politique*, revue, vol. 1, pag. 299.

Le naturalisme au théâtre e Nos auteurs dramatiques. A lucta decisiva entre os românticos e os classicos travou-se no palco. O drama supplantou a tragedia. Os vencedores exageraram os meios que serviram para o triumpho e tornaram o drama a antithese da tragedia. Os classicos davam todo o relevo á narrativa e faziam a analyse psychologica dos personagens que punham em scena; os românticos, pelo contrario, descuravam estes predicados e preocupavam-se só com o movimento e com o colorido da phrase. Uns e outros estavam distantes da verdade, o fundo era inteiramente falso, a imaginação substituiu o estudo da historia. O romantismo vencedor começou a transformar-se, passando por phases successivas até chegar a pôr no palco scenas da vida contemporanea. Mas n'esta evolução conservou os vicios da sua origem; o mundo actual é representado com tanta verdade como representavam a idade média. A imaginação continúa a ter a primazia sobre a observação. Dumas, Augier e Sardou, os primeiros dramaturgos modernos, ainda sacrificam a realidade á convenção. Victorien Sardou, o herdeiro de Scribe, emprega os mesmos processos do mestre, alargando sómente o quadro; é uma especie de prestigiador que illude os espectadores pela sua extrema agilidade de mãos; as aventuras, a intriga complicada, os desenlaces inesperados, as peripecias constantes fazem apparecer e girar os personagens como bonifrates movidos por cordeis. *Rabagas e La famille Benoiton* são conhecidos por todos. Dumas filho é superior, tem scenas de uma observação rigorosa como no *Demi-Monde*, mas a demasiada preocupação da these, as grandes phrases de effeito, a declamação proselytica, o sacrificio da verdade ao que chamam exigencias scenicas, tiram toda a realidade aos seus dramas. Sirva de exemplo *l'Étrangère*, que foi traduzida e representada entre nós. Emilio Augier afasta-se muito mais dos românticos, chega a ser mal visto por elles; nos seus dramas ha mais observação, uma pintura mais verdadeira da sociedade, maior simplicidade, uma linguagem mais real e mais correcta; aproxima-se mais do que qualquer outro do que deve ser a formula naturalista; porém não abandona a convenção, os personagens feitos de uma só peça, os *clichés* gastos do bem triumphando sobre o mal, do symbolo perfeito de virtudes ou de qualidades superiores, dos heroes e das heroínas immaculadas, etc. etc. Os seus personagens modificam-se de repente sem ter em conta o temperamento, a educação, o meio; basta uma scena de effeito. *Le mariage d'Olympe, Le Gendre de M. Poirier e Les Effrontés* mostram os processos d'este dramaturgo. Como vemos, o theatro francez ainda não entrou na corrente naturalista; a sua resistencia aos novos progressos artisticos é tão forte, quanto foi violenta e arrebatadora a victoria do drama romântico sobre a tragedia classica.

Portugal, como parte integrante da grande civilização do Occidente, tem seguido sempre de um modo vagaroso, depois de cumprir a sua missão civilizadora no seculo xv e xvi, os progressos realizados pelas outras nações européas. A França, principalmente, tem exercido uma influencia directa no desenvolvimento intellectual do nosso paiz, no seculo xix, tanto sob o aspecto scientifico ou philosophico, como sob o aspecto artistico. Todas as phases do romantismo se reflectiram na nossa litteratura. O movimento naturalista encontrou igualmente entre nós audaciosos defensores. O espirito moderno que revolucionou todas as ordens de conhecimentos humanos, entrando em Portugal deu nova direcção aos estudos historicos, á critica, á philosophia, orientando ao mesmo tempo a arte n'um sentido positivo, naturalista, real. O romance e a poesia vivificaram-se com este sopro reanimador. O theatro, porém, como em França, conservou-se na mesma inanição a que o arrastou a vacuidade do romantismo e a mediania dos autores dramaticos.

Ha longos annos que o theatro portuguez vive de traducções mais ou menos detestaveis de peças francezas, geralmente mal interpretadas e quasi sempre improprias dos nossos palcos por não terem alguma relação com os costumes, usos e interesses da sociedade portugueza. Contentam-se em atrahir o publico pela complexidade dos enredos, por finaes de actos estupendos, pela bellezã do scenario ou por trajas vistosos e extravagantes. Assim a grande massa popular dá a preferéncia ás operetas comicas que lhe satisfazem melhor as necessidades sensoriaes e deixa ao abandono as casas de espectaculo que lhe fornecem os ultimos vestigios dos velhos dramalhões romanticos. Por vezes os traductores recorrem ao theatro italiano ou ao hespanhol, para excitar o gasto paladar do publico, e de tempos a tempos, os empresarios atrevem-se, a muito custo, a pôr em scena um drama ou uma comedia original de author conhecido das platéas. Se algum escriptor novo tem a coragem de escrever e de dar para o theatro qualquer obra dramatica, encontra pela frente a opposição dos empresarios e dos actores, tanto mais forte, quanto mais o trabalho litterario se afastar dos moldes consagrados. Só á força de empenhos e de esforços inauditos conseguirá o novel dramaturgo vencer as resistencias que se levantam.

Estas considerações foram provocadas pela leitura das comedias *O Grande Homem* e *O Casamento civil*, representadas no theatro de D. Maria, a primeira ha dous annos e a segunda no anno findo. São os dois principaes documentos da nossa litteratura dramatica na actualidade. Assistimos á primeira representação de um e de outro, e applaudimos Teixeira de Queiroz e Cypriano Jardim por tentarem levantar o theatro portuguez do estado de decadencia em que se

acha. Hoje, que passou todo o ruído feito ao redor d'estas comédias e que se calaram todas as inimizades e todos os despeitos pessoais, ousamos dar a nossa opinião sobre as duas obras que acabamos de reler.

II

Ousamos dar a nossa opinião, — escrevemos, e escrevemol-o muito intencionalmente. Na verdade é uma ousadia, é mesmo um atrevimento da nossa parte o arvorarmos-nos em crítico dramático, sem termos dado á luz um drama, uma comedia, ou pelo menos uma scena comica. É esta a opinião do sr. Cypriano Jardim e longe de nós a ideia de refutal-a. S. exc.^a sabe o que se passa « lá fóra », conhece todos os criticos dramaticos desde Francisco Sarcey do *Temps* e de Augusto Victor do *Figaro* até Francisco Coppée da *Patrie* e « mais cem nomes, que todos têm feito as suas provas, tanto na imprensa, como na litteratura dramatica ». Estas palavras são do prologo que precede *O Casamento civil*; o sr. Cypriano Jardim, tomado de santa indignação contra os criticos anonymos da sua comedia-drama, diz no mesmo prologo: « Se os escriptos eram de critica dramatica, pór certo viriam dos que sabem das cousas de theatro: esses seriam os authores dos artigos. Porque eu, e todos nós sabemos, que, em geral, lá fóra, e ás vezes cá, não se consente que façam criticas dramaticas nos jornaes, senão aquelles escriptores que todo o mundo conhece e reconhece como criticos, feitos com a analyse, com o trabalho de annos, com provas litterarias que lhes dêem o direito de ser o que se chama: um critico dramatico ». É evidente que não nos encontramos n'estas condições; não somos conhecido e reconhecido na nossa terra como critico dramatico, quanto mais em todo o mundo. Nem sequer temos pretensões a sê-lo. Não importa; s. exc.^a talvez tenha razão, talvez, mas nós é que não resistimos á tentação de metter a nossa fouce em seara alheia. Resigne-se o sr. Cypriano Jardim; não desistiremos d'esta empresa, embora não saibamos das cousas de theatro.

Se não temos a gloria de fazer, com um traço de penna, a reputação de um artista; se os nossos artigos ainda não enriqueceram, nem arruinaram qualquer empresario ou editor; se não fomos por'ora applaudido como author dramatico, nem escrevemos operas comicas; se não somos professor do Conservatorio, nem fizemos versos para serem recitados por Sarah Bernhardt; ainda assim não nos julgamos com menos direito, do que o sr. Cypriano Jardim, a formularmos a nossa opinião sobre este ramo de litteratura. Quere-mos a mais ampla liberdade de pensamento, a mais completa liber-

dade de imprensa, e entendemos, como Paul-Louis Courier, que todo o individuo tem a obrigação de expôr com a maxima franqueza as suas ideias, sejam quaes forem as consequencias que d'ahi possam resultar. A philosophia positiva, que disciplinou e orientou o nosso cerebro, forneceu-nos um criterio seguro para analysarmos todas as obras litterarias. E é essa doutrina que nos leva a arrostar com as imprecações do snr. Cypriano Jardim na mesma impassibilidade de animo, com que soffreriamos as excommunhões de qualquer cura de aldeia.

Começamos a fallar do prologo do *Casamento civil*; prosigamos com elle. O author, depois de arremetter com denodo inquebrantavel contra os moinhos de vento da critica anonyma, desce a explicações, prevenindo « a hypothese de ser este volume, algum dia, lido por quem não saiba a historia da peça, isto é: a sua representação ». Palavras do dramaturgo. Mas, s. exc.^a não nos faz a historia da peça ou da sua representação; limita-se a defender os personagens da comedia e os processos artisticos empregados, que são os de Dumas filho e Victorien Sardou. O snr. Cypriano Jardim, qual novo Magriço, corre á estacada em defeza da declamação rhetorica, que se refugiou no theatre, depois de se vér batida em todos os outros campos da litteratura. Está, porém, resolvido a mudar de convicções, logo que appareçam peças sem rhetorica, que façam vibrar a alma popular. Então irá na corrente, lançar-se-ha nos braços do vencedor, o seu lugar será um dos primeiros ao lado dos triumphadores. Systema realmente commodo!... Mas o homem de talento, o verdadeiro genio, não se contenta em seguir as pisadas dos seus predecessores e contemporaneos, vai mais além, procura abrir uma nova estrada, procura desbravar um novo terreno, procura subir mais um grau na escala dos grandes progressos da humanidade. Quanto maior fôr a sua intelligencia, tanto maior será tambem a sua ambição de se afastar da vulgaridade, de se mostrar superior pelos seus esforços para attingir uma perfeição ideal. Deixemos, porém, o prologo do *Casamento civil* e vejamos o do *Grande Homem*, mais modesto e tambem mais importante. Teremos occasião, ainda, de nos occupar accidentalmente de algumas affirmações do snr. Cypriano Jardim.

Teixeira de Queiroz, um dos que primeiro introduziram em Portugal o romance naturalista, escreve no prologo da sua comedia: « Quando se vê, na politica portugueza, o triumpho da nullidade, a consagração da ineptia feita em brados pomposos por mil berradores que vivem d'isso, o patetismo reconhecido como signal de merecimento, a falta de caracter premiada como a virtude, a trapaça, a intriga descarada reconhecida como norma habil de governo... era necessario que a litteratura critica e de observação fixasse estes fa-

ctos, expondo-os com hombridade, procurando a verdade e a justiça primeiro que o successo». Estas palavras são uma antithese das do outro prologo. Ao contrario do snr. Cypriano Jardim o snr. Teixeira de Queiroz não corre atrás das maiorias, antepõe a verdade e a justiça ao successo momentaneo e falso do enthusiasmo publico. Responde tambem aos criticos, mas é mais humano, mais do nosso tempo; apresenta as suas ideias e discute as dos adversarios, com placidez, com serenidade sempre imperturbavel; não se exalta, não vocifera, raciocina a sangue frio, como homem que conhece os methodos scientificos e que os sabe empregar; a sua penna, por vezes ironica, é sempre cortez, não offende, não insulta os que sustentam ideias oppostas. Referindo-se aos criticos diz o snr. Teixeira de Queiroz «quasi todos foram correctos e amaveis. Porém isto não excluía o affirmarem, quasi em unanimidade, que o *Grande Homem* tinha innumerados defeitos de construcção, mostrando exuberantemente o seu author, não ter bastantes unturas de Dumas, de Sardou, de Scribe e de Labiche — affirmação, pelo menos ousada, vista a frequencia com que as peças d'estes authores são representadas nos theatros de Lisboa. Então respondi verbalmente a alguém, — continúa o dramaturgo, — que eu conhecia pelo menos Molière, que ha dois seculos passa por ter genio, e que me era familiar o engenhoso Beaumarchais, o mais sceptico dos homens de espirito. Responderam-me, mesmo em jornaes: «Ah, depois d'esses o theatro tem progredido muito!» Em que, meus caros senhores? Qual a differença entre Sardou e Molière? Em que progrediu Labiche e Scribe a respeito de Beaumarchais?!... Ah! os senhores não sabem... Surriada! que não sabem e fallavam pomposamente d'isto!»

De facto, não sabem. Para a enorme maioria dos criticos Sardou e Dumas são genios dramaticos inexcediveis e inimitaveis, e não é admissivel pôr-se em duvida a excellencia dos seus processos artisticos. Quem ousa tocar n'esses idolos é tido por iconoclasta e corre o risco de ser apedrejado pelos fanaticos fetichistas. Os progressos theatraes desde Molière e desde Beaumarchais só podem ser julgados com um criterio philosophico, porque não se devem considerar isoladamente; o theatro, como todas as manifestações artisticas, depende do estado geral da sociedade; a sua evolução particular está subordinada de um modo directo e inevitavel á marcha progressiva dos espiritos e das instituições sociaes. Infelizmente o maior numero dos criticos portuguezes ignora ainda estas pequenas cousas que são doutrina corrente nas litteraturas estrangeiras. Os nossos criticos não sabem, porque não querem saber; não estudam, não lêem, não pensam; contentam-se com phrases, com ditos espirituosos. Uma palavra, pronunciada a tempo e com certa

graça, é sufficiente para formar uma reputação; passando de bocca em bocca, repetindo-se nos salões dos theatros, nos camarins das actrizes, nos cafés, á porta da casa Havaneza, essa palavra toma as proporções necessarias para fazer de um mediocre um talento, de um ignorante um grande homem, no fundo tão ridiculo e tão pateta como o Mauricio Pontino do snr. Teixeira de Queiroz.

O illustre escriptor naturalista condemna com razão a celebre phrase, com que tanto nos atordoam os ouvidos, os que se dedicam inteiramente ás cousas do theatro. O theatro é mais difficil do que o romance, affirmam elles, os admiradores inconscientes de Dumas filho e de Sardou. Mas que provas apresentam? As provas, resume-as assim o snr. Teixeira de Queiroz: «No theatro é preciso não ter estylo — isto é — perder a individualidade, é preciso que o vosso assumpto seja apropriado, é preciso confeccionar o trabalho de certa maneira: — metter mulheres na peça; cortar o dialogo d'um modo convencional; não alongar muito as scenas e não fazer actos, nem demasiadamente extensos, nem muito curtos; ter bons finaes; arranjar as cousas de maneira que o interesse esteja no fim, por causa da ultima impressão; ter graça ou tristeza por conta, peso e medida, para não estragar a digestão do terrivel espectador!» N'uma palavra, ponha-se de lado a realidade e dêem-se largas á imaginação! Eis em que consiste a maior difficuldade do theatro sobre o romance. O snr. Teixeira de Queiroz responde-lhes bem, que «o theatro é simplesmente mais contingente», ao passo que o romance é «a fórma litteraria mais propria para comprehender a complicada vida moderna». Podia acrescentar, com Zola, que a morosidade do theatro, na passagem do romantismo para o naturalismo, é devida em grande parte á falta de um genio que seja para o drama o que Balzac foi para o romance. Apareça esse genio e o theatro levantar-se-ha á sua verdadeira altura.

Vamos passar á analyse das duas comedias; antes, porém, devemos fazer n'uns ligeiros traços a historia da nossa litteratura dramatica, desde as suas origens até á actualidade. Com um rapido bosquejo da evolução do theatro portuguez, comprehender-se-ha melhor a transição actual da escola romantica para o naturalismo. A *Historia da litteratura portugueza* de Theophilo Braga, fornece-nos os principaes elementos para este esboço.

III

Qual foi a origem do theatro portuguez? Certamente não devemos ir procurar os germens do nosso theatro ao mundo antigo, a Euripides ou a Aristophanes, nem pretender ligar a nossa evolu-

ção dramatica aos escriptores romanos. A sua origem é mais modesta. A idade média, época de transição entre a civilização greco-romana e a moderna civilização occidental, foi para toda a Europa um periodo de profunda elaboração intellectual, moral e social. Levantavam-se e desenvolviam-se os elementos organicos das novas sociedades; o poder temporal e o poder espiritual, separados pela primeira vez, estendiam as suas raizes, esperando firmar-se para todo o sempre; ao mesmo tempo formavam-se as novas linguas, creavam-se as grandes epopeias medievas, surgia o lyrismo provençal, appareciam emfim as fontes do theatro moderno, como appareceram as do theatro classico, entre as primitivas populações hellenicis. Portugal acompanhou as outras nações novo-latinas na sua evolução commum.

Os bobos, os farçantes, os histriões encontram-se nos paços portuguezes desde a fundação da monarchia; os jogos scenicos, as danças figuradas, os arremedilhos ou farças mimicas são um divertimento indispensavel de todas as solemnidades publicas, de todas as festas reaes. Nas egrejas representavam-se as scenas da paixão, cujos vestigios ainda existem por algumas aldeias, apesar da rigorosa repressão ecclesiastica e das successivas condemnações da Egreja. O Natal e a festa dos Reis davam occasião a scenas pastoris com um character religioso, que sobrevivendo a todas as prepotencias clericas renasceram no Brazil, para onde foram levadas talvez pelos primeiros colonos. « O povo, affirma Theophilo Braga, cantava as suas *prosas* e *hymnos farsis* na liturgia christã, até que a pressão do catholicismo lhe impòz silencio ». Os mômos ou entremezes usados na côrte de D. João II e a intervenção popular nas festas religiosas, influiram no genio extraordinario de Gil Vicente, que fundou o theatro nacional. Nos seus bellos Autos traduz os costumes da burguezia e corrige pelo riso e pela ironia os vicios do clero e os defeitos dos poderosos. Gil Vicente é um poeta humoristico que divertia a côrte nas festas da realeza e nos momentos de desalento e de susto; não escreve para o povo, mas sim para o rei e para os grandes. Algumas vezes os Autos foram representados nas egrejas; talvez só então fosse dado ao povo assistir aos triumphos do notavel poeta, que presentia a Reforma e que se erguia em face dos poderosos. A alma popular animava os versos de Gil Vicente. Chiado, Camões, Antonio Prestes, Balthazar Dias continuaram durante o seculo xvi, a brilhante tradição que elle deixou na nossa historia.

A Renascença veio mudar a orientação do theatro portuguez, como transformou a litteratura de todos os paizes; os poetas nacionaes imitaram a escôla italiana, a comédia classica. A decadencia do nosso theatro era, por essa época, preparada de uma manei-

ra insistente pelo catholicismo, que começava a fortificar-se na península hispanica. Os indices expurgatorios do Santo Officio e as tragi-comedias dos jesuitas foram as armas empregadas contra os progressos dramaticos. Sá de Miranda, Jorge Ferreira e o dr. Antonio Ferreira procuram em vão sustentar a escola italiana. O theatro portuguez decahia rapidamente á proporção que se afastava da tradição popular. A propria linguagem perdia a sua simplicidade primitiva e tornava-se pretenciosa e affectada, como se vê nas obras dos seiscentistas. As comedias de capa e espada foram importadas do theatro hespanhol de Lope de Vega e Calderon. Emfim D. João IV, introduzindo em Portugal a *opera ballet*, e um seculo mais tarde o marquez de Pombal, protegendo officialmente o theatro lyrico, deram o ultimo golpe na arte dramatica nacional. O derradeiro vestigio d'elle no seculo xvii é o *Fidalgo aprendiz* de D. Francisco Manoel de Mello. Este eminente escriptor «foi um genio annullado pelo meio em que viveu», diz com razão o author da *Historia da litteratura portugueza*. É na verdade triste encontrar D. Francisco Manoel na côrte de D. João IV a escrever a lettra para os *tonos* e *operetas*, imitados do gosto francez pelos maestros que rodeavam o monarcha. No seculo xvii o genio hespanhol domina o nosso theatro, afogando completamente todo e qualquer vestigio de legitima expansão nacional.

No entanto, era tão forte a tradição portugueza e tão impetuoso o veio riquissimo das fontes originaes, que, por baixo de todas as correntes estranhas, se conservou, mesmo no seio do povo, um theatro verdadeiramente nacional — a baixa comedia que se representava nos *Pateos*. Contam-se por centenas as produções anonymas que fizeram as delicias das classes populares durante o seculo xviii e que se conhecem pela designação vulgar de comedias de cordel. Ha, em todas, typos inteiramente nacionaes, e uma graça sarcastica e «equivoca até quasi á obscenidade». Esta litteratura do povo representa o estado decadente, a atonia moral, o esquecimento da dignidade humana que caracterisava a sociedade portugueza no seculo passado. Foi n'este meio que se desenvolveu a veia comica de Antonio José, o celebre doutor judeu, victima da Inquisição; o espirito de revolta transparece nas suas comedias que de certo incommodavam pela sua gargalhada franca os ouvidos dos sorumbaticos servidores do despotismo. O Index expurgatorio declarou guerra de morte ao theatro popular, que Antonio José procurava resuscitar. Manoel de Figueiredo, Nicolau Luiz, Xavier Botelho e outros continuaram o trabalho do doutor judeu. Estes, como diz Theophilo Braga, «descobriram os grandes valores, o plano, a eurythmia da obra, mas faltou-lhes uma faculdade — o senso philosophico». D'ahi a mediocridade e a inutilidade de tantos esforços.

Os escriptores portuguezes, que por instantes foram ao povo beber a inspiração, cahiram outra vez na imitação servil do theatro estrangeiro, tomando para modelo dos seus ensaios dramaticos as tragedias francezas. O insensato despotismo da casa de Bragança, perseguindo e difficultando o nosso desenvolvimento intellectual, no momento em que a Encyclopedia e a Revolução franceza proclamavam a emancipação humana, annullou as tentativas de renascimento litterario. O theatro veiu a cair na insipidez e na monotonia estúpida dos *Elogios dramaticos*, que se recitavam no palco nos principios do seculo actual.

(Conclue).

TEIXEIRA BASTOS.

UMA ESTATUA A SARAIVA DE CARVALHO

(Estudo critico)

Os jornaes noticiaram que o centro progressista do Porto resolveu abrir uma subscrição publica para um monumento a Augusto Saraiva de Carvalho.

Temos pois um facto muito digno de reparo.

Quem era este individuo? que fez em serviço da patria? qual o estado intellectual dos que puderam conceber esta ideia? Eis o que precisamos saber primeiro do que tudo, esquecendo as malquerenças que este simples juizo vai talvez suscitar. Fallamos em nome da verdade e da justiça.

*

Um dia um homem lança-se na arena da politica, é eleito deputado, sobe ao poder por vezes, e passados tempos morre. Nada mais natural desde que se vive, e se encontra um *meio* favoravel. É uma trivialidade como muitas outras.

Perguntamos o que elle deixou na sua passagem como deputado, como ministro, como simples cidadão. A resposta é-nos dada pelos seus proprios biographos que não apontam um só facto que dê luz ao biographado, contentando-se em dizerem que elle era « um talento superior » sem o demonstrarem, e que « se dedicou ao estudo e alguns negocios e empresas commerciaes e industriaes »; isto com as datas em que subiu aos conselhos da corôa e aquellas em que foi eleito deputado ás côrtes. Singular modo este de mos-

trar a um paiz o que valeu um dos seus representantes e administradores!

Se para os grandes benemeritos se empregasse sómente uma linguagem como esta, elles restariam eternamente na sombra como qualquer simples mortal.

Mas, nos traços vulgarissimos da vida d'esse homem, nota-se uma grande vontade (não direi espontanea) de o furtarem á mediocridade para o envolverem n'umas ondulações de phrases declamatorias proprias dos elogios academicos. Os panegyricos chovem de todos os lados, incluindo os grupos avançados, os que combatem as instituições que elle serviu fielmente. Se é com o estylo que se fazem os grandes homens, o fallecido estadista foi na realidade um grande vulto.

Em todas as biographias que temos lido diz-se como um argumento irrefutavel que « o paiz tinha ainda muito a esperar d'elle, que a sua carreira foi rapida ». Perdão, meus senhores, ha existencias ephemerhas que tiveram ao menos um momento para se distinguirem; ha individuos que uma só obra lhes basta para a immortalidade do seu nome.

Deixaria o fallecido conselheiro de estado alguma cousa util e duradoura? Determinando as épocas mais notaveis da sua vida — o homem eleito do povo, o homem governo — encontraremos alguma medida sua de alcance social ou que interessasse a nação que por vezes representou?

Elle, que em vida foi sómente considerado como um politico vulgar, sem mesmo possuir essa habilidade de alguns que o rodeavam, poderá nunca ter as honras de uma apotheose? Será a velha legenda sentimental da morte o bastante para que o nome d'um individuo passe á posteridade? Basta-nos morrer d'uma tísica ou d'uma pneumónia, para que a aureola da gloria nos circunde?

Esse homem que se chamou Augusto Saraiva de Carvalho, nunca pôde conseguir elevar-se acima da vulgaridade, e todavia hoje o seu nome sôa-nos constantemente, ensurdecendo-nos, despertando as atenções da critica, que devéras estupefacta, apenas tem tempo de interrogar: — Que é isto? que barulho é este á roda d'um morto?

O paiz nunca ouviu talvez fallar tanto d'um dos seus governantes.

Então a critica passado o seu momento de surpresa, ergue-se para cumprir a sua missão — analysar os factos.

Ella sabe que aquelles que dizem amar a verdade e a justiça são os proprios que se revoltam contra o que é verdadeiro e justo, mas despreza esta estranha contradicção e prosegue serena e fria, implacavel para uns, risonha para outros.

Em 1873, Saraiva conservava ainda as ideias democraticas com

que encetára a sua carreira na vida publica, como parece comprovar o seu testamento d'aquella época noticiado ha pouco nos jornaes; mas o ultimo, aquelle com que falleceu, dá-nos a prova evidente de que o seu espirito renegára completamente do moderno evangelho dos povos cultos, cujos beneficios elle apregoava com todos os fervores e entusiasmos da mocidade. Vê-se por isto que elle acatára com reverencia as palavras d'alguns pretendidos philosophos e falsos educadores atrazados, que affirmavam ser o sentimento republicano só proprio da juventude.

Quem, para se elevar, se havia bandeado para a monarchia, não obstante confessar que ella representava o abuso e o erro, servindo-a depois de muito bom grado, não podia sentir repugnancia por outras abjurações. Referimo-nos ao facto da sahida de Saraiva de Carvalho do centro do pateo do Salema, com outros egualmente sem firmeza de convicções, atraçoando assim muitos dos seus cor-religionarios sinceros.

O snr. Eduardo Maia, n'um discurso proferido á beira do tumulto, e publicado no *Diario Popular* de 2 de dezembro ultimo, exaltando as virtudes do finado conselheiro de estado, allude a este facto, que define o character politico d'um individuo, mas dando-lhe a seguinte côr: « Saraiva de Carvalho entrou na vida politica pelo braço de Oliveira Marreca e Bernardino Pinheiro, que conheciam o seu grandissimo merecimento, e apresentaram-o no pateo do Salema por occasião dos acontecimentos politicos de 1867 a 1868, como dos mais dignos para candidato a deputado por Lisboa, nas eleições que se seguiram e em que o seu nome sahiu victorioso da urna contra o actual presidente do conselho de ministros. N'esse tempo reunia-se alli tudo que em Lisboa havia de mais liberal e avançado; e Saraiva de Carvalho acompanhou depois o partido reformista que sahiu d'esse movimento ».

Vê-se que o discursador dizendo isto sómente, fingia ignorar o facto tal qual se deu, para não desgostar o povo em nome do qual dizia tomar a palavra.

Seria realmente um absurdo revelar ao « partido popular, o partido republicano, que tambem se vestia de lucto pelo fallecimento de Saraiva de Carvalho » que este logo no começo da sua carreira politica o havia atraçoado. Posto isto, que deviam então os republicanos a Saraiva para lhe prestarem a derradeira homenagem ante o tumulto?

Os menos ignorantes pensaram no facto pasmoso de verem os seus chefes representando o partido n'este funeral, e os que ignoravam completamente a vida do homem que descia á campa, ficavam ainda assim, como por instincto, n'um estado de desconfiança que leva muitas vezes á descrença profunda.

O celebre tratado de Lourenço Marques, estava ainda na mente de todos; o partido republicano considerára como traidor á patria o fallecido conselheiro, combatera-o, apeára-o do governo, e era esse mesmo partido agarrado em flagrante contradicção, que exaltava as virtudes do homem que desaparecia para sempre da scena politica e do numero dos vivos! Nos elogios funebres deve haver o mesmo cuidado que nos elogios dos que existem, para se não mentir á historia, para se não illudir os povos; a justiça acima de todas as conveniencias, acima de tudo.

Este facto, que apenas tocamos por incidente, podia despertar sérias apprehensões no espirito dos que ainda crêem. Admittindo mesmo que Saraiva de Carvalho foi um democrata, ou por outra um republicano, visto que no dizer do snr. Maia, este partido « perde n'elle uma das suas esperanças mais risonhas » todos terão o direito de perguntar que republicanismo é esse com manifestas tendências aristocraticas. Naturalmente vem logo ao espirito menos atilado as seguintes conclusões: — Trata-se d'uma republica dentro da monarchia conservando-a com todos os seus mais dedicados servidores, ou d'uma republica só no nome com acatamento a todo o existente. Depois esses mesmos ficarão perfeitamente convencidos que se poderá mudar de instituição mas não de typos, ou que a republica ao mesmo tempo que pôde servir a monarchia não lhe será difficil exercer a sua acção benefica, como por arte magica, attendendo ás necessidades modernas, tomando em muita consideração as aspirações democraticas d'um povo generoso e bom, concedendo-lhe liberdades e garantias, tudo dentro dos limites d'um systema original e um tanto irrisorio.

— Mas isto é uma perfeita caçoadá, não é para isto que trabalhamos, não é isto que nos disseram nos comicios e nos jornaes — dirão ainda depois d'algum tempo de reflexão.

Ora ahi é que está a chave do enigma. Porém os chefes, ou para melhor dizer os governantes, responderão aos seus governados acompanhando as palavras de largos gestos:

— Sois livres afinal! tendes todas as regalias populares, descançai. A republica para que vos preparamos com tantos sacrificios, é esta.

Mas voltemos ao assumpto principal.

Saraiva de Carvalho não deixou um discurso notavel. Todos os que pudemos lêr são um amontoado de phrases feitas, com as mesmas tendencias para a declamação balofa; caprichos de rhetorica e nada de ideias, nada de scientifico que é a belleza do discurso moderno. Ainda assim o que achamos menos mediocre foi aquelle em que lembrou a necessidade de se pôr « escriptos no paço da Ajuda » ouvido por nós. Todavia este discurso tem o calor de um ho-

mem apaixonado em que transparece a ambição de sobraçar uma pasta, peccando pelo exagero dos acontecimentos.

Desde então ficou sendo mais conhecido pelo *homem dos escriptos*.

A proposta de lei regulando o trabalho dos menores na industria, apresentada por elle ao parlamento, não é obra sua, mas sim do partido socialista.

As propostas da reforma dos correios e telegraphos, tinham apenas em mira contentar grande numero de afillhados e galopins eleitoraes, empregando-os ou augmentando-lhes os ordenados. O seu testamento a ultima vez que foi ministro, bem demonstra as suas tendencias *economicas* na vida publica, e o seu grande *interesse* pela prosperidade nacional.

Saraiva, ainda n'esses insignificantes discursos que fez e nas propostas que apresentou, teve desde uma certa época um habil auxiliar no snr. Marianno de Carvalho, que era quem lhe fornecia os apontamentos precisos, por inferioridade monetaria, não chegando nunca a tirar um partido soffrivel e digno, como justa recompensa dos seus serviços a um correligionario.

Porém, não se julgue por isto que Marianno fez o homem politico que descrevemos; achou-o já feito. Saraiva não tendo coragem para tocar no capital que accumulava, devia o que era a um honrado e generoso burguez, o snr. Francisco Simões Carneiro, que lhe deu a mão e o levantou por estimal-o como a um filho, e em attenção á memoria de seu pai, de quem era amigo dedicado. Este factó é conhecido de todos.

Eis aqui pois o *grande homem*, o *eminente estadista*, cuja memoria se pretende perpétuar com a erecção d'uma estatua, além dos premios escolares, ideia posterior á do monumento, e sabida dos cerebros atilados dos snrs. José Luciano de Castro e Braancamp.

*

A maior parte dos individuos ignora completamente o ponto de vista moderno para o julgamento dos homens, e mais ainda, desconhece quaes são os verdadeiros benemeritos, os bemfeitores da humanidade, os que têm jus á glorificação.

N'este numero entram os pacatos burguezes portuenses, admiradores ingenuos e inconscientes dos seus chefes, que, reunidos em assembléa, deliberaram a cousa mais insensata dos modernos tempos, como por uma simples especulação partidaria.

O fetichismo da mediocridade tem a sua razão de ser.

Mas admittamos por um pouco que Saraiva de Carvalho foi

um grande vulto na arte de governar os povos; isto é, que possuía um juizo muito seguro para adivinhar o sentido da evolução d'uma época. É uma hypothese que em nada destroe os nossos argumentos e antes pelo contrario os vem reforçar.

Todos os estadistas grandes ou pequenos, são apenas uns insignificantes comparsas na scena politica, porque a sciencia não aceita como grandes individualidades senão os creadores da mesma, da philosophia, ou da arte, os semi-deuses do pensamento. O culto dos estadistas é pois um absurdo, porquanto elles não passam de ephemeros agentes de estados sociaes transitorios. « A superioridade dos grandes homens em politica, é sempre infinitamente menor que no dominio scientifico » — diz o snr. G. Le Bon, no seu bello livro *L'homme et les sociétés*.

Os individuos que maior influencia têm exercido nos modernos tempos são os que nos deixaram as obras primas da civilização, das sciencias, das artes, esses grandes obreiros, cuja memoria as gerações sempre reverenciarão, e não a dos homens de estado.

*

Em vista do que deixamos exposto não póde ser admittida por nenhum espirito que pense, a ideia de um monumento a Saraiva de Carvalho.

Isto é uma febre que vai cahindo no ridiculo. Temos já em projecto os monumentos a Affonso Henriques, a Pio IX, a Alexandre Herculano, a Sampaio. Julgarão os progressistas que Saraiva não valia menos do que os dois ultimos? Mas estes eram escriptores. Herculano deixou uma historia de Portugal, embora incompleta, e outras obras, que, se não satisfazem hoje, já tiveram a sua acção sobre uma sociedade, illuminando uma época. Sampaio, teve egualmente uma phase brilhante e gloriosa na sua vida; foi o homem da revolução de 46, elevando o sentimento popular com a penna, combatendo os abusos e as arbitrariedades governativas, enthusiasmando as turbas com o seu famoso *Espectro*, atravessando corajosamente esse bello periodo de agitações. O seu nome restaria sempre grande na memoria do povo se não fossem os erros da velhice.

Se, ainda, o partido progressista quiz imitar a ideia que fez erigir estatuas a alguns homens politicos do nosso paiz, torna-se necessario registrar-mos esses factos como aberrações.

Saraiva de Carvalho tambem foi jornalista, o que muitos ignoram porque os seus artigos publicados no jornal o *Trabalho*, que redigia, e na *Democracia*, nunca despertaram, pela sua chateza, a attenção dos leitores.

Podem pois os seus admiradores abrir uma subscripção publi-

ca para a estatua, que o paiz não subscreverá. Elle já conhece de sobejo os homens que pretendem impôr á sua admiração e não deseja ser censurado pelas gerações futuras.

Quando os monumentos ás mediocridades entrarem nos nossos costumes, estamos plenamente d'accordo que se subscreva tambem para este. Antes, não; excepto se os progressistas muito consternados pela perda d'um dos seus chefes, lhe querem honrar a memoria pelos dolorosos soffrimentos da doença. Teremos então a primeira estatua a um martyr da natureza. Dado o exemplo, um numero infinito de mortos erguer-se-hão das suas frias e humidas covas a reclamar justiça, isto é, estatuas.

Terminando, diremos, que se o fallecido Saraiva de Carvalho foi simplesmente um deputado vulgar, um ministro vulgar, e um homem rico, o que é menos vulgar, se lhe erija antes um monumento d'ouro massiço ou de notas de banco, embora toda a burguezia argentaria venha em seguida marcar nas nossas praças publicas os lugares para os seus. Isto é que é justo, isto é que é digno. Honra ao dinheiro, que é o maior vulto e o maior colosso do seculo.

REIS DAMASO.

DO METHODO A SEGUIR

NA APPLICAÇÃO DO REALISMO À ARTE

O triumpho do realismo na arte, no actual momento historico, pôde ser levantado á categoria dos factos ineluctaveis. Se porventura no presente a conquista ainda não é completa, o futuro pertence-lhe.

Podem ainda pleitear-se divergencias, até entre os evangelisadores do novo dogma, sobre pontos secundarios de interpretação; mas o pensamento capital, a synthese da nova evolução, fructificou e já agora no campo da arte é a arvore frondosa e possante, a cuja sombra irão abrigar-se as novas gerações.

Tem seus martyres, como todas as innovações que vêem contrariar esta uniformidade accommodaticia de ideias e sentimentos, que são para a grande maioria do genero humano uma inercia anesthesica. A penna de E. De-Amicis é de uma eloquencia impressionadora, quando, ao traçar-nos o retrato de E. Zola, nos descreve primeiro o homem em toda a exuberancia da sua robustez, bem construido, cabeça de pensador e cabeça de athleta, mãos massiças, a que, logo á primeira vista, lembre attribuir a possibilidade de repetirem na bigorna as proezas do seu *Gueule-d'Or*, thorax amplo e proeminente, proprio para quebrar as ondas dos odios e das iras litterarias, e seguidamente nos dá o mesmo perfil avelhentado, deprimido e triste, mais pequeno de estatura e mais magro, depois de mais algum tempo de trabalho esmagador, de lucha encarniçada e de soffrimento pela arte; quando nos pinta, finalmente, com verdadeira grandeza o vulto do author do *Assomoir*, austero, sequestrado do movimento brilhante da capital, clausurado como um cenobita na sua solidão litteraria, e, a par do verdadeiro

Zola, nos descreve um outro Zola, como que phantasiado em uma lenda apocalyptica, corrupto, apontado á abominação publica como um aborto litterario, repellente na sua tarefa de revolver os lixos sociaes com requintes voluptuosos de um temperamento vicioso que se compraz em atascar-se na immundicie.

Com a innovação do realismo repete-se o velho caso — tão velho como o proprio mundo — de todas as furias humanas encapellando-se contra qualquer ideia de reforma, que vá ameaçar com uma ruptura algum dos elos da cadeia tradicional das crenças, das ideias e dos sentimentos. O homem esbraveja, enfurece-se, leva a sua reluctancia desesperada muitas vezes até á fereza e até ao crime, e por fim vem a submeter-se á verdade triumphante.

E longe de nós desadorarmos esta disposição ingente para a crença na immutabilidade das cousas, na continuidade dos mesmos phenomenos: esta força moderadora, que se revela logo nas phases rudimentares da mentalidade humana, que se manifesta com tanta evidencia nas crianças sempre propensas a acreditar que os successos de hontem são os successos de amanhã, e nos selvagens que não concebem melhor justificação para a crença mais absurda do que a crença e a pratica dos seus antepassados, é uma das leis fundamentaes do progresso e é o seu mais seguro obreiro. É um elemento ponderador das fogosidades dos reformadores: são duas forças que se equilibram e se combinam para a resultante da evolução.

A doutrina que triumphar d'aquella resistencia não póde deixar de ser verdadeira, e, sendo a melhor pedra de toque para a verdade, implicitamente é o mais seguro agente do progresso evolucionario, do progresso que se opéra em melhores condições de estabilidade.

A resistencia á fórmula realista filia-se por um lado n'esta causa, e por outro explica-se pelos panicos sobresaltos das mediocridades esfervilhantes ao abrigo dos verdadeiros talentos, que projectam sombras de gigantes, qualquer que seja a fórmula de exprimirem os seus sentimentos, qualquer que seja a esthetica em que se inspirem. Esses não de deixar sempre de si memoria perduravel e não têm porque se arreceiem da marcha invasora e ovante da nova fórmula.

O merecimento de uma obra de arte consiste principalmente no cunho pessoal que lhe imprime o author, embora com estes ou aquelles processos para librar-se a maiores alturas; consubstancia-se n'este dom natural de provocar a tonalidade psychica do leitor pela grandeza da concepção, pela elevação e expressão dos sentimentos e pela influencia caracteristica do estylo crystallino e nervoso, no qual vibre magneticamente a alma do author.

Não se trata de deprimir o talento, que não pôde ser privilegio de uma escola, mas sim de fomentar uma evolução, de activar um progresso que desafogue os horisontes do pensamento litterario, que liberte o campo da arte de ficções ridiculas, que emancipe o espirito de travancos e estreitas convenções, que obstam a uma larga interpretação da natureza em toda a verdadeira grandeza dos seus varios aspectos.

Se alguma restricção reclamamos para as manifestações do talento na esphera livre da arte, é que o artista se identifique com a natureza, não para a copiar servilmente, mas para a interpretar sem exagerações que a desfigurem.

Temos visto combater o realismo, argumentando-se que a pouco ficaria reduzida a arte, se todos exprimissem a vida observando-a invariavelmente pelo mesmo prisma; que o mundo é um grande espectáculo, que se tornaria monotono, sendo reproduzido na uniformidade do mesmo colorido.

Este argumento, pela sua inanidade, tem o mesmo valor que tantos outros com que se pretende banir a moderna evolução artistica. É Ixion copulando-se com a nuvem, em vez de abraçar Juno, e produzindo não um monstro, mas um contrasenso.

O criterium realista tem precisamente em vista rasgar um espaço mais vasto á manifestação individual, característica, de todos os talentos. É exactamente para que a vida não seja falsamente reproduzida na monotonia do mesmo colorido, que se desfralda a bandeira do realismo. Subordinar a arte ao grandioso espectáculo da criação, é assignar-lhe a mais ampla esphera de acção, que pôde ser dada ás limitadas faculdades do homem.

O realismo não pretende outra cousa senão inspirar-se na natureza com todos os seus multiplos aspectos, e se as outras escolas têm a mesma aspiração, força é reconhecer a impotencia dos processos que falseiam este ideal. É esta a differença mais frisante. De um lado a adaptação rigorosa á verdade natural e ás generalisações seguras da sciencia positiva, do outro transfugio para o vago e incognoscivel — porventura aceitavel na orbita da poesia pura — pleno triumpho da phantasia, substituindo-se á imaginação, a esta imaginação que, disciplinando-se na observação exacta da realidade, nos dá creações que são uma illusão do real, e a phantasia é irmã gemea da allucinação e da nevrose.

Foi a fórmula — o homem é a medida do universo — synthese expressiva de um insensato e desmedido orgulho, após os terrores e a ignara depressão da infancia humana perante as forças formidaveis e irresistiveis da natureza, que levou o homem, qual anjo rebelde, a emancipar-se de sua humildade primitiva, dedignando-se, na sua attitude sobranceira de rei da criação, curvar-se para aus-

cultar os phenomenos naturaes, e o arrojou ás incertezas e aos erros da metaphysica pela exclusiva applicação da contemplação interna.

A sciencia não tardou em reconhecer que ia lançada em esteira errada, e hoje o grande grito do seculo resume um movimento de impulso geral para a interrogação da natureza. A arte não podia deixar de acompanhar este movimento. O realismo é isto no seu mais largo ponto de vista.

N'esta época de profunda transformação do pensamento, quando a humanidade, como se quizesse resgatar o longo tempo que perdeu em transviar-se da verdadeira senda, se febricitava em um movimento de avanço, tendo por fanaes a observação exacta e a analyse experimental, quando a esta luz se nos revela que a propria natureza, no seu curso inflexivel, não é invariavel, e que a criação, na sua continuidade aparentemente uniforme, se modifica e transforma lentamente através de uma successão de longas épocas, seria absurdo decretar a immutabilidade nas manifestações da arte, não sabemos em nome de que principio. Que as transformações, quer na ordem physica, quer na ordem moral, se operem mediante uma lenta evolução, é profundamente verdadeiro. *Natura non facit saltus*. Mas da manifestação do phenomeno, no seu verdadeiro periodo de maturação, á immutabilidade vai um abysmo.

O assombro tambem foi grande, quando o movimento de 1830 invadiu o campo da arte, varrendo como um cyclone os titeres da galeria classica. O movimento romantico, como affirma Zola com justo criterio, foi necessario; demoliu os canones convencionaes que escravizavam o pensamento e faz do escriptor um artista livre. Sómente a reformá foi incompleta, e desviou-se da senda por onde devera ter-se internado com o seu estandarte victorioso. Creou uma linguagem nova, alargou o dominio das imagens; mas ficaram, com o scenario de papelão, os titeres, emphaticos de óca rhetorica: mudaram apenas de fórma. O *forum* foi substituido pelo castello feudal que a pallida lua illumina phantasticamente sobre a collina escarpada; a toga e o cothurno foram trocados pelo gibão e pelas esporas de ouro dos cavalleiros; ao grego e ao romano succede o conde medieval. Mas o heroe, na sua attitudo artificial, academica, ficou de pé, mudando apenas de roupagens.

O realismo veiu completar o movimento de que foi guarda avançada o romantismo, insufflando um sopro de vida a toda esta natureza morta e movendo o homem social em pleno ambiente da vida real.

E a causa está ganha para o novo credo artistico: a formula realista triumphou no romance, na pintura e já invade o theatro, ultimo reducto, mais difficil de conquistar e derradeiro refugio do romantismo.

A accusação suprema, em desespero de causa, como a última setta do Partha, é a linguagem, a obscenidade, a podridão. Quando ainda se pretende fazer arregalar uns olhos minazes contra o lobo cervical do realismo, matraqueiam-se aquellas palavras, o effeito é infallivel e com esta critica facil sobressaltam-se os espiritos impressionaveis.

A linguagem é que escandalisa, porque não ha obscenidade e podridão nociva, quando ministrada com traicoeira doçura nos confeitos da rhetorica romantica. Segundo o dogma romantico, a corrupção que é propinada pelo falseamento da verdade e pela exaggeração monstruosa, não é corrupção. O ambiente fica saneado, logo que se arremessem as flôres de rhetorica ás braçadas sobre os cadaveres em putrefacção.

E todavia a obscenidade e a podridão nada têm que vér com as theorias do realismo, pela mesma razão porque não iremos apoiar de realistas Boccacio ou Paulo de Kock, Shakespeare ou Gil Vicente.

O que é licito nos costumes e na civilisação de uma época, bem o sabemos, não é admissivel em periodos de mais avançada cultura: a S. Barthelemy, apesar de ser um grande crime para o seu tempo, inspiraria hoje muito maior horror do que nos espiritos fanatisados do seculo xvi.

E não seremos nós, como já affirmamos algures, que, sem reuçar perante o necessario rigor logico para reproduzir com inteira verdade a vida humana, iremos tomar a defeza d'estas desmedidas cruzas, no descarolar das pustulas sociaes; os escriptores, que levaram mais longe esta escarpellisação do documento humano, não escolheram certamente o meio mais conducente a fomentar-se uma obra de proselytismo; mas foram sem duvida arrastados a estes largos desvios no avido impulso de alargarem os dominios da arte.

Para este ponto fraco dirigiu tambem os seus formidaveis botes um adversario illustre, tão fecundo romancista como distincto erudito. E comtudo quer-nos parecer que o author do *Eusebio Macario* e da *Corja* errou os seus golpes: o notavel romancista identifica-se por vezes, com a nova fórmula a ponto de se esquecer de açacalar o dardo juvenalesco, fazendo-se cargo de nos dar, mau grado, testemunho insuspeito e irrefragavel, a um tempo, dos novos processos, e da valia do utensilio, quando manejado por tão poderosas mãos.

Mas, não é só isto. Citemos textualmente:

«Mas, meu querido amigo, tu, por mais que faças, não podes deixar de ser do teu tempo; tens de collaborar conscientemente ou a teu pezar na evolução que reprovas por amor da arte. Seja o que fôr e o que vier: d'esta fermentação *ha de sahir alguma cousa me-*

lhor que o passado; porque o passado realmente não prestava, o seculo de nossos paes legou-nos um pesadêlo, uma anemia encephalica e aneurismas enormes no coração — muita indigestão academica na prosa, e muito amor palerma em versejadura. Foi uma longa noite com raras estrellas embaciadas pelos nevoeiros de uma terra paludosa de frades, de desembargadores e de poetas vadios. Tu floresceste nos esplendores da aurora nova; mas *o que isto ha de ser ao meio dia, seja o que fôr, deve ser melhor do que era quando viemos*».

Retenhamos este brado de tão lucida consciencia, porque importa registrar tão insuspeito e authorisado testemunho em honra dos que trabalham, crentes e indefessos, para *isto que ha de ser ao meio dia*. E reconhecido que o realismo, na sua accepção mais lata e alevantada, é a fórmula mais adequada ás manifestações da arte no estado actual da mentalidade humana, toquemos um dos pontos em que não ha accordo de opiniões dentro do gremio dos sectarios do moderno dogma, investigando qual o methodo que melhor se adapta á pratica dos novos processos.

(Continúa).

JULIO LOURENÇO PINTO.

NOTAS DE ONOMATOLOGIA PORTUGUEZA

I

Nomes deminutivos das terras

Uma das primeiras cousas que o que estuda a onomatologia tem de fazer é procurar se o nome cuja explicação pretende dar se acha repetido, quer quanto á fórma, quer quanto ao sentido. Applicando este principio, vejamos como é que entre nós se distinguem muitas vezes as terras: em *Cotéllo da Serra* e *Cotéllo da Ribeira*, por exemplo, a distincção provém da situação geographica, como tambem em *Mondim de Cima* e *Mondim de Baixo*, etc., etc.; em *Monte-mór-o-Velho* e *Monte-mór-o-Novo*, *Torres-Vedras* (*T. velhas*) e *Torres-Novas*, etc., foi evidentemente a chronologia a origem dos sobrenomes. Outro meio de distincção são os deminutivos, e é d'estes que vou dizer duas palavras. Os deminutivos que aqui incluo apresentam-se com os seguintes suffixos:

1) *-inho*, *a* (tambem na lingua portugueza ha *-im* nas palavras *carvalhim* num romance pop., *espadim*, *sellim*, etc.; cfr. *camarim*); este suffixo é muito vulgar na lingua, já em palavras independentes como *campainha*, *alminhas*, etc., já em palavras que podem ou não tomar a accepção deminutiva, como *altinho*, etc.;

2) *-ello*, *-ella*; este suffixo encontra-se em palavras do uso commum, como *janella*;

3) *-elhe*, *-elha*. Na lingua geral encontram-se *rapazélho*, *pontélho*, etc.;

4) *-ólo*, *óa*, *ó*, *ó*. No uso diario da lingua ha por exemplo *enxó*, *saxólo*, *saxóla*, *rapazóla* e outras mais.

Eis agora os exemplos (de terras ou sitios):

- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1) Barcelinhos (Barcellos) | Perosello (* Peroso ⁵) |
| Covellinhas (Covéllas) | Portélla (Porta) |
| Fontainhas ¹ (no Porto) | Portello (Porto ⁶) |
| Granjinha (Granja; tambem
ha Granjão) | Queimadella (Queimada) |
| Momentinha (Momenta ²) | Quintella (Quinta) |
| Mattosinhos ³ (* Mattosos) | Serzedello (Serzedo ⁷) |
| Perosinho (* Peroso) | Tarouquella (Tarouca) |
| Villarinho (Villar) | Tondella (Tonda) |
| 2) Agrellos (Agros) | Vouzella ⁸ |
| Arcosello (Arcos) | 3) Cidadélhe ⁹ |
| Barcellos (Barcos) | Formosélha ¹⁰ |
| Caldellas (Caldas) | Villarélho (Villar) |
| Campello (Campo) | 4) Airó ¹¹ |
| Cannellas (Cannas) | Erô ¹² |
| Cotello (Coto ⁴) | Figueiró |
| Covéllas (Covas) | Figueirôa ¹³ } (Figueira) |
| Ermello (Ermo) | Grijó ¹⁴ |
| Fornellos (Fornos) | Mosteirô |
| Laméllas (Lamas) | Paçô |
| Penella (Pena) | Paçaçôlo } (lat. <i>Palatium</i>) |

Como se vê, a fôrma deminutiva assenta geralmente sobre o singular, e é ella que toma o plural; mas em *Arcosello* assenta em *Arcos* ou *Arcus*.

II

Fôrmas divergentes de nomes gentílicos

Os nomes gentílicos portuguezes apresentam-se com varios suffixos, como em *Cintrã* (G. Vicente, *Obras*, III, 190), *Maiato* (da *Maia*), *Algarvio* ou *Algravio* (do *Algarve*), *Minhóto* (do *Minho*), etc. Muitas vezes dá-se o caso de haver differentes designações a respeito de uma mesma palavra, ex.:

Beirão e *Beirense* (de *Beira*)
Braganção ¹⁵ e *Brigantino* (de *Bragança* e *Brigantia*)
Braguez e *Bracarense* (de *Braga* e *Bracara*)
Coimbrão ¹⁶ e *Conimbricense* (de *Coimbra* e *Conimbrica*)
Leirião e *Leiriense* (de *Leiria*)
Lisboeta e *Lisbonense* (de *Lisboa* e *Lisbona*)
Ovareiro e *Vareiro*, *Ovarino* e *Ovarense* (de *Ovar*)
Póveiro (* *Povoeiro*) e *Póvoense* (de *Póvoa*)
Sanjoaneiro e *Sanjoanense* (de *S. Juane* ¹⁷, *S. João*)
Setubalão e *Setubalense* (de *Setubal*)

Fica bem patente que uma das fórmãs é popular e a outra é erudita; nuns casos, uma deriva da fórmula portugueza e a outra da latina; noutros derivam ambas da fórmula portugueza.

Porto, Janeiro de 1883.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Assenta no lat. *fontana*. Em **Fontaninhas* cahiu o *n* como em *campainha* de *campana*. — No Porto ha tambem um largo chamado *Fontinha*.

² *Momenta*, *Moimenta*, é o pl. lat. de *Monumentum*.

³ Ha muitos nomes de terras ou sitios que são simples adjectivos, como *Pedrosa*, *Graciosa*, *Formigoso*. etc.; por isso nada se oppõe a que *Matosinhos* seja o demin. de um adjectivo (cfr. *Perosinho*), quanto á fórmula; quanto ao sentido ha *Malta*, *Mattos*, *Bouças*, etc.; a oppôr-se alguma cousa seria a fórmula *Methesinhos* que o padre A. do C. Velho de Bezerra, no seu opusculo *Mem. hist. da antiguidade do mosteiro de Leça chamada do Balio* (Porto, 1852), p. 82, diz ter encontrado em documentos antigos: mas elle não os cita, e talvez se illudisse ou quizesse illudir-nos, para justificar a mais disparatada etymologia que tenho visto, e que elle propõe. Todas as mais que elle propõe são egualmente tolas.

⁴ *Côto* significa *corôa de um monte* na linguagem popular do Minho (S. Romão de Briteiros).

⁵ *Perosello* faz logo lembrar *pedra*, mas ha um doc. citado por Pinho Leal (in *Port. ant. e mod.*, v. *Perozinho*) que dá a um monte ao pé de *Perosinho* o nome de *Castrum Petrosum*. (A terra *Peral*, na Extremadura, podia tambem fazer suppôr *Pedral* (monte no Porto); mas *peral* existe na lingua como synonymo de *pomar de pereiras*). É conhecida a fórmula *Pedroso* como nome de terra.

⁶ Sobre *Porto* e *Portella* vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v., ed. 1799. Em lat. *Portae* significa *gargantas de montes*.

⁷ É o lat. *salicetum* de que derivam tambem *Salzedas*, *Sarzedo*, etc., e que nas linguas romanicas tem o dominio bastante extenso. J. Quicherat, por ex., no livro *De la formation française des anciens noms de lieu* (Paris 1867, pag. 43), cita *Saulcet*, *Sauzet*, etc.; cfr. *Romania*, IV, 190.

⁸ *Vouzella* suppõe **Vaucella*, de *Vacua* (nome ant. do *Vouga*).

⁹ Ha no Minho um monte chamado *Cividade*, etc.

¹⁰ Suppõe *Formosa*; cfr. *Villar-Formoso*, etc.

¹¹ Do lat. *area*, que deu *eira* na lingua commum.

¹² No FORAL DE REFOJOS por *el-rey o snr. D. Manoel* (ed. do Porto, de 1823) lê-se *Pedrafomssso deyrou* (pag. 6). É plausivelmente de *Eiró*. Cfr. a not. precedente.

¹³ Travessa do Porto.

¹⁴ De *Egreja*. Cfr. Viterbo, ib., v. *Grijó*. Todos estes deminutivos em *ó*, *ô* etc. assentam no lat. *-olus*. No FORAL DE VILLA-NOVA, e *GAYA* por *el-rey o snr. D. Manoel* (ed. do Porto, de 1823) encontro mais as fórmãs *Glejoó*, *Glijooó*, *Gryjoo*, *Grijóo* (pag. 28-30).

¹⁵ Num doc. de 1130 figura Fernão Mendes, o *Braganção* (apud A.

Herculano, *Hist. de Port.*, II, p. 427). No soneto XXI das *Rimas* (ed. 1670) diz Camões :

E em vós, grão successor, & novo ordeiro
Do Braganção estado.....

¹⁶ Cfr. Gil Vicente, *Obras* (Hamburgo), III, 190; cfr. o dictado usual *estrada coimbrã*, que já se encontra nos *Contos* de Gonsalo Fernandes Trancoso (ed. 1608), fol. 46, 1.^a parte.

¹⁷ Não longe de Guimarães ha uma terra chamada *Joane*.

BIBLIOGRAPHIA

REIS DAMASO: **Scenographias** (Contos naturalistas) — *O impio* — *A viuva* — *O homem das cautelas* — *No cadafalso* — *O prato d'el-rei* — *O cofre das esmolas* — *A doida d'Alfanzina* — *O Fresca-Ribeira* — *A grande actriz* — *No dia do noivado* — *As arvores e as abelhas* — *Um dos do Mindello* — *O avarento* — *O recruta* — *Os inundados*. — Lisboa, deposito da empresa editora, 29, Largo do Mastro, 30 — 1882 — Preço 500 reis.

Ha tres semanas, repousa sobre a nossa mesa de trabalho este livro de contos, esperando que nos resolvamos a confiar ao papel as impressões que nos deixou a sua leitura. É facil de explicar esta demora. Contamos o author, desde alguns annos, no restricto numero dos nossos bons amigos; e este facto era motivo sufficiente para recearmos que na analyse critica entrasse algum elemento extranho ao methodo scientifico; a amizade podia dispôr a nossa razão para uma indulgencia demasiada, assim como a prevenção contra a influencia d'esse sentimento poder-nos-hia levar á exaggeração contraria; querendo evitar um e outro escolho, deixámos que o tempo afezrisse as primeiras impressões, sujeitando-as ao embate lento e continuo do senso positivo, e que as ideias se fossem differencando, aclarando, classificando, até se imporem naturalmente como opinião definitiva. Ora, ha dias que vimos sentindo a necessidade de formular por escripto as conclusões a que chegou o nosso intellecto, dirigido pelo methodo experimental.

Na critica, como em todos os trabalhos de especulação, predominam hoje os processos scientificos; Sainte Beuve foi o primeiro que deu esta direcção ás analyses litterarias, mas fel-o de um modo empirico; depois d'elle, Taine reduziu a leis esse methodo, dando todo o rigor scientifico ao estudo das obras de arte. Para se comprehender qualquer producto esthetico é indispensavel conhecer o artista e o meio em que vive. Consiste n'este simples preceito a base essencial do systema critico de Taine, que vamos applicar ás *Scenographias*. Começaremos, portanto, por dizer duas palavras acerca do author.

N'um dos ultimos dias de outubro de 1875 assistimos casualmente á abertura da aula de litteraturas grega e latina no Curso superior de letras. O professor, o snr. conselheiro Viale, assestava do alto da cadeira magistral as suas lunetas sobre as physionomias dos novos alumnos e com a sua voz meliflua e cantante dignava-se baixar das regiões olympicas, onde de ordinario convive com Homero e Virgilio, para animar os jovens escriptores, entre os quaes especificou com immensos encomios Reis Damaso, a quem muito estimava conhecer, porque já o apreciava pelos seus trabalhos litterarios. As palavras do venerando professor, que entre nós representa as classicas tradições dos seculos xvii e xviii, chamaram a nossa attenção para o alumno de-

signado, cuja existência ainda então ignoravamos. Natural do Algarve, tendo uma compleição bastante nervosa e accentuados traços arabes, Reis Damaso era n'esse tempo official de artilheria e, sob pretexto de estudar não sei que preparatorios no lyceu, aproveitava a licença para frequentar o Curso superior de lettras. Perencia á bohemia litteraria; o jornalismo, essa arma poderosissima para disciplinar a opinião publica, era então para elle, como para todos quantos se lançam na imprensa por um simples capricho ou pela ambição futil de vangloria, um motivo para fazer estylo, para construir phrases mais ou menos rendilhadas, e periodos mais ou menos ócos. Um certo prurido de educação romantica, pensavam os bohemios das lettras, era o sufficiente para se adquirir uma reputação extraordinaria. Reis Damaso distingula-se, porém, da maioria, porque tinha a febre de escrever; não o movia um capricho, não o dirigia uma ambição, sentia uma verdadeira necessidade de encher com a sua prosa columnas e columnas dos periodicos e das revistas litterarias. Na *Revolução de Setembro* publicava por essa época o seu primeiro romance — *O anjo da caridade*, que deve ser um documento precioso para se avaliar a evolução intellectual do author.

Tres annos depois, quando nos encontramos com Reis Damaso, havia-se operado uma transformação profunda na sua existência. A passagem pelo Curso superior de lettras abriu-lhe horisontes novos; as lições de Theophilo Braga fizeram-lhe entrever a grande revolução por que está passando a litteratura européa; o Romantismo cahiu e cedeu o terreno ao Naturalismo — a verdade nas obras de arte. Os processos scientificos que renovaram todos os ramos da philosophia natural, estenderam-se ás bellas-artes, especialmente ao romance e á poesia. O methodo experimental invade tudo. As luctas que se ferem no campo da litteratura entre os sectarios da ficção e os partidarios do real, reflectiram-se no cerebro do escriptor. Os preconceitos travaram duras batalhas defensivas contra as novas ideias, ao principio resistiram com denodo, mas recuaram de trincheira em trincheira e enfim foram batidos. Ao mesmo tempo que soffria esta transformação mental, Reis Damaso mudava as condições do meio; abandonou a vida militar, casou e viu-se forçado a procurar um emprego d'onde pudesse tirar a sua subsistencia. Admittido como ajudante de escrivão n'um dos cartorios da Boa Hora, ahi passa as melhores horas de cada dia, curvado sobre rumas de autos, entregue ao officio estupidificante de copiar fórmulas gastas e de decifrar textos paleographicos. Morando a uma legua de Lisboa, faz quotidianamente duas caminhadas, quasi sempre a pé, por falta de um meio facil de transporte e chega a casa afadigado e aborrido. Qualquer outro começaria por odiar a penna e desterrar para bem longe a litteratura; mas Reis Damaso, pelo contrario, aproveita todos os momentos que lhe ficam vagos, para lêr, para estudar, para indagar os novos processos artisticos, e é muitas vezes no caminho, sobre o Joelho, que escreve a lapis umas notas rapidas, cheias de observação e de verdade, que publica sob a fórma de contos, ou de artigos litterarios. Foi tambem assim que o author formou o livro de que nos occupamos.

As *Scenographias* são um volume de contos naturalistas; o author, despreendendo-se das velhas preoccupações romanticas, quiz manifestar a sua nova orientação; « a sociedade de hoje, afirma elle, prefere a simples realidade das cousas á phantasia a mais admiravel e surpreendente ». Infelizmente não é ainda este o estado actual da mentalidade portugueza. A maioria, a immensa maioria dos espiritos cultos conserva-se amarrada aos restos do romantismo, em quanto que a massa popular, sobretudo nos campos, vive na allucinação permanente do mysticismo jesuitico, ou materialisada e boçal n'uma adoração fetichista, que nada differe dos cultos selvagens. O realismo, segundo cré o vulgo, mesmo o que passa por mais illustrado, é a

pintura fresca e attrahente de tudo quanto ha de mais immoral, depravado e repulso no seio da sociedade. O *Assomoir* e *Nana* são a pedra de escandalo; por causa d'elles é excommungada, fulminada toda a litteratura moderna, sem que pessoa alguma queira attender a razões, admittir circumstancias, ouvir expôr a verdade. Diga-se que o proprio Zola tem muitos outros romances de que ninguem cõra; diga-se que elle obedece a um vasto plano; diga-se que a litteratura naturalista não se encerra n'um romancista; tudo é inutil, o movimento iniciado por Balzac e Stendhal e continuado por Flaubert, Edmond e Jules Goncourt, Daudet e tantos outros é irremediavelmente condemnado. Entre nós os authores do *Crime do Padre Amaro* e dos *Noivos* entram na reprovação geral. Reis Damaso conhece bem o estado em que se acham os espiritos, e se se filia na escola naturalista não é para agradar ao paladar corrupto das maiorias, mas por convicção, por saber que a marcha do espirito humano, quer sob o ponto de vista esthetico, quer sob o ponto de vista scientifico ou philosophico, vai na direcção da verdade, do real, do positivo. As *Scenographias* são um livro moderno; a imaginação cedeu o passo á observação, os devaneios dos antigos romancistas foram substituidos pelos processos rigorosos dos grandes escriptores contemporaneos. Reis Damaso tem de facto o sentimento do real que Zola exige dos novos romancistas; porém, digamol-o com franqueza, os seus contos são incompletos, falta-lhes o lavor da obra de arte. Não queremos dizer com isto a preoccupação do estylo, cujo exagero rhetorico prejudica immenso os romancistas da actualidade. O estylo dos escriptores naturalistas ha de ser cada vez mais simples e claro á proporção que forem largando os ouropéis românticos, que conservam ainda como um preconceito de educação. O lavor da obra de arte é outra cousa. Zola, o grande romancista e ainda maior critico, diz-nos como os authores naturalistas preparam os seus romances: « Quasi todos baseam as suas obras em notas, tomadas com o decorrer do tempo. Só depois de estudarem com um cuidado escrupuloso o terreno sobre que têm de marchar, só depois de investigarem todas as fontes e de terem na mão os documentos multiplos, de que têm necessidade, só então é que se decidem a escrever ». (*Le Roman expérimental*, pag. 207). Estabelecido este processo, que é realmente o mais racional desde que o espirito de observação e de experiencia suplantou a imaginação, podemos esclarecer o nosso pensamento, dizendo que os contos de Reis Damaso são na sua maioria simples notas, inteiramente verdadeiras e reaes, apanhadas com maior ou menor felicidade, mas que precisavam de ser submettidas a uma nova elaboração. A vida laboriosa do author, o modo como elle executa as suas obras litterarias, explica-nos cabalmente a incorrecção artistica que se revela nas *Scenographias*, onde contudo se encontram paginas brilhantes.

Entre os quinze contos que encerra este livro ha alguns, em que o sentimento do real é verdadeiramente profundo. Estão n'este caso, por exemplo, *O homem das cautelas*, episodio vulgar na existencia difficil do proletariado, *Um dos do Mindello*, nota frisante do modo como foram recompensados os que se sacrificaram pela causa de D. Pedro, *O recruta*, caso doloroso da repugnancia pela vida militar. Não podemos occupar-nos aqui de cada um dos contos em particular; no emtanto ha um que merece attenção especial — *O Fresca Ribeira*, por ser a historia de um desgraçado que viveu muitos annos no Algarve exercendo a humilde profissão de caldeireiro ambulante. O Fresca-Ribeira era Manoel do Nascimento, um dos estudantes de Coimbra, que foram acusados de assassina-rem os lentes em 18 de março de 1828. Nove foram condemnados e executados, tres mezes depois, no Caes do Tojo, como descreve Reis Damaso n'um outro conto intitulado *No cada-falso*. Aquelle infeliz conseguiu evadir-se e desfigurar-se, queimando o rosto com polvora; vagueando sempre, pôde « passar á Belgica, andar pela Fran-

ça e Hespanha, vendendo a *mata-la-uva* ou deitando gatos pelas aldeias». Assim viveu até 1863, sendo conhecido no Alemtejo e em todo o Algarve pelo *Fresca Ribeira*.

O *impio* e A *viuva* são talvez os melhores contos d'esta collecção. N'aquelle descreve o author o primeiro enterro civil n'uma povoação do Algarve; a indignação do povo, os odios clericaes, o bom senso do juiz de paz, as pequenas intrigas de aldeia, tudo tem uma côr local, uns traços tão fundos de verdade, que indicam estudo e observação. Tanto n'este como n'outros contos, Reis Damaso volta-se para os sitios onde nasceu, onde passou a infancia e uma boa parte da mocidade, recorre ás reminiscencias que lhe ficaram no cerebro nitidamente gravadas, e traça então no papel esses esboços verdadeiros de uma realidade sentida. A *viuva* é outro quadro notavel, em que nos mostra a influencia da educação religiosa sobre um organismo debil que não sabe nem pôde reagir. Adelaide, educada n'um convento, no meio d'um sentimentalismo doente e mystico, que leva ás allucinações hystericas, casa com um primo, a quem vira apenas uma vez; a passagem repentina da vida devota para a vida mundana fez-lhe nascer uma sêde enorme de prazeres; o marido dobrava-se a todos os caprichos d'ella, deixava-se arrastar na dôce embriaguez de uma prolongada lua de mel. A morte veio interromper em breve este viver agitado. Adelaide, vendo-se de repente viuva, cahiu n'uma prostração desoladora e sentiu-se de novo dominada pelo mysticismo doentio que a entorpecera no convento; o fervor religioso, os preconceitos supersticiosos de uma educação sentimental, começaram a guiar-lhe os passos para o cemiterio, os ataques de nervos tornaram-se frequentes, a exaltação de espirito provocava sonhos, pesadélos, terrores indefinidos. Assim, n'este estado, facilmente se lançou nos braços do primeiro homem que mostrando-se interessado por ella a tentou seduzir. Reis Damaso traça com precisão as condições d'esta queda; o meio, o temperamento, tudo que mais ou menos influe nos resultados, acha-se descripto com as côres da realidade. Notamos, porém, n'este conto, como em varios outros, uma preocupação demasiada de these. Crêmos isto prejudicial para a obra de arte. O romance ou o conto naturalista deve ser apenas uma serie mais ou menos extensa de causas e de effeitos, a explicação de um certo numero de factos pela sua filiação historica e natural. Não pertence ao artista formular a these, o leitor tiral-a-ha espontaneamente do determinismo dos acontecimentos.

Entre os contos d'este volume figura um — *As arvores e as abelhas*, narração democratica no genero das parabolae orientaes, que se acha deslocado n'esta collecção. Não sabemos explicar o que levou o author a incluil-o nas *Scenographias*.

Vamos terminar esta analyse critica que já vai longa. As *Scenographias* constituem um bom livro, um livro essencialmente moderno. Se tem defeitos, se é uma obra de arte incompleta, possui comtudo belleza e merito sufficiente para merecer a attenção da critica. Este volume é acima de tudo uma promessa, a que o author não pôde faltar; provou n'estes contos naturalistas que conhece as verdadeiras fontes litterarias e contrahiu a obrigação moral de as explorar, dando-nos em breve um trabalho completo. As *Scenographias* tiveram na imprensa um acolhimento glacial; foram recebidas com os elogios banaes do estylo ou com o silencio que é de uso fazer-se aqui em volta dos que trabalham. Em compensação nas mesas dos botiquins, os bohemios das lettras esphacelaram o livro... sem o terem lido. Era de esperar. Mas nós felicitamos por isso Reis Damaso, e damos-lhe de conselho que publique novos livros se os quer vêr furiosos.

TEIXEIRA BASTOS.